

Eurico Back

*Fonêmica Diacrônica Latino-Portuguesa*

Tese de Concurso à Livre Docência  
da Cadeira de Lingüística da Facul-  
dade de Filosofia, Ciências e Letras  
da Universidade do Paraná.

CURITIBA

Eurico Back  
Bacharel e Licenciado em Letras Clássicas.  
Professor de Português no Colégio Estadual do Paraná  
e na Escola Técnica de Curitiba.  
Professor contratado de Língua Portuguesa e  
Lingüística  
na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras  
da Universidade Católica do Paraná.

**FONÊMICA DIACRÔNICA LATINO-PORtUGUÊSA**

Tese de concurso à Livre Docência  
da Cadeira de Lingüística da Fa-  
culdade de Filosofia, Ciências e  
Letras da Universidade do Paraná.

Curitiba

1964

C\_ O \_ N \_ T \_ E \_ U \_ D \_ O \_

.. 1. Conceito de fonêmica diacrônica.	1
1.1. Articulação.	1
1.2. O discurso.	1
1.3. A norma.	1
1.4. O sistema.	1
1.5. Oposição e correlação.	2
1.6. A fonêmica.	2
1.7. A distribuição dos fonemas.	3
1.8. Evolução fonológica.	3
1.9. Evolução fonêmica.	4
1.10. O estado lingüístico.	5
1.11. Fonêmica diacrônica.	5
2. Comparação dos sistemas fonêmicos do latim e do português moderno.	6
2.1. O esquema fonêmico do latim.	6
2.2. O esquema fonêmico do português moderno.	6
2.3. Comparação dos traços distintivos dos dois sistemas.	8
3. O sistema fonêmico do latim lusitânico.	11
3.1. A estrutura fonológica do latim.	12
3.2. A transfonemização do acento.	13
3.2.1. Rendimento fonêmico.	13
3.2.2. O traço distintivo do acento latino.	13
3.2.3. Provas da existência do acento melódico.	14
3.2.4. Época da transfonemização.	16
3.3. O sistema de vogais.	16
3.3.1. A transfonemização coincidente das vogais baixas.	17
3.3.2. A transfonemização das vogais altas e médias.	18
3.3.3. A diafonemização das vogais altas, abertas.	19
3.3.4. Os hiatos.	21
3.3.5. A síncope das vogais adjacentes à sílaba intensiva.	24

3.4. As vogais assilábicas.	27
3.4.1. As semivogais.	27
3.4.2. As semiconsoantes.	28
3.5. O enfraquecimento das oclusivas sonoras.	35
3.5.1. A diafonologização da labial.	35
3.5.2. A defonologização da apical.	36
3.5.3. A diafonologização da dorsal.	36
3.6. A ocupação da 3 <sup>a</sup> casa.	37
3.6.1. A fonemização da nasal posterior.	37
3.6.2. A integração da lateral.	38
3.6.3. A fonologização da fricativa frontal.	38
3.7. As consoantes implosivas.	39
3.8. O esquema fonêmico das consoantes do latim lusitânico.	43
4. O sistema fonêmico do romanço galego-português.	45
4.1. A integração da africada.	45
4.2. O enfraquecimento das consoantes oclusivas, africada e fricativas.	47
4.2.1. As sonoras.	47
4.2.2. As surdas.	48
4.2.3. As geminadas.	51
4.3. As consoantes implosivas.	53
4.3.1. A fonemização de /dʒ/.	53
4.3.2. A diafonologização das posteriores oclusivas.	54
4.3.3. A diafonologização de (m).	55
4.4. As vogais assilábicas.	56
4.4.1. A semiconsoante posterior.	56
4.4.2. A semiconsoante anterior.	56
4.5. As vogais.	59
4.5.1. A síncope das vogais anteriores, adjacentes à sílaba intensiva.	59
4.5.2. Apócope das vogais anteriores.	60
4.5.3. A distribuição das vogais em hiatos e ditongos.	61
4.6. O esquema fonêmico das consoantes do romanço galego-português.	62

5.	O sistema fonêmico do português arcaico.	63
5.1.	O enfraquecimento das consoantes.	63
5.1.1.	A apical, lateral.	63
5.1.2.	A vibrante.	63
5.1.3.	A apical nasal.	64
5.1.4.	As geminadas.	65
5.2.	As vogais assilábicas.	66
5.2.1.	A semiconsante anterior.	66
5.2.2.	A semivogal anterior.	67
5.3.	As vogais.	68
5.3.1.	Os ditongos.	68
5.3.2.	Os hiatos.	69
5.3.3.	A neutralização das vogais em sílaba fraca.	72
5.4.	As consoantes nasais, implosivas.	74
5.5.	As africadas.	75
6.	Tendências atuais.	78
7.	Conclusões.	80
8.	Bibliografia.	83

Símbolos empregados.

Sons da fala. Fones. Letras.

		LABIAIS Bilab. L-dent.	APICAIS	FRONTAIS	DORSAIS
OCCLUSIVAS	surdas	p	t	t̪	k
	sonoras	b	d	d̪	g
AFRICADAS	surdas		t̪s	t̪ʃ	
	sonoras		dz	d̪z	
FRICATIVAS	surdas	f	s	š	
	sonoras	þ	v	ž	
NASAIS	sonoras	m	n	ň	N
LATERAIS	sonoras		l	ł	L
VIBRANTES	sonoras		ł̄		R
FLAP	sonora		r		

/\* Pausa.

" " Significado.

- Evolui para.

( ) Fone.

// Fonema.

/./ Fronteira silábica.

/:/ Fonema longo.

. (Em cima da letra) Vogal central.

+ (Antes de palavra) Forma hipotética.

+ (Embaixo da letra) Fone implosivo.

+ (Em cima da letra) Fone explosivo.

A Vogal assílábica.

C Consoante.

V Vogal.

Ortogr.lt. Forma correspondente do latim clássico; não, necessariamente, idêntica à do latim vulgar, de que se originou o português. Quando não ocorre no latim literário, forma atestada do latim vulgar.

Significado Tradução da palavra, em geral, a forma correspondente no português moderno ou arcaico.

Esquema Fórmula ou figura geométrica para a visualização do sistema.

Estrutura Fórmula ou figura geométrica para a visualização da norma.

## 1. Conceito de fonêmica diacrônica.

1.1. Articulação. A corrente sonora, produzida pelo aparelho fonador humano durante a conversação, pode ser dividida em partes, em elementos lingüísticos, que têm valor na intercomunicação (Camara Jr., 1959,15-6). O falante pode encadear os elementos lingüísticos em outra ordem, em combinações diferentes com valores distintos. Articulação é a divisão da enunciação e a possibilidade de combinar, de modo diferente, os elementos lingüísticos.

1.2. O discurso (Coseriu,1952). A soma de todos os elementos lingüísticos, proferidos por um indivíduo, constitui o discurso. "É a atividade lingüística nas múltiplas e infindáveis ocorrências da vida do indivíduo." (Camara Jr., 1959,24.) Para o lingüista, em trabalhos de campo, o discurso é o registro fonético, exato, dos elementos lingüísticos enunciados por determinada pessoa, durante um certo período (Back, 1964, 160).

1.3. A norma. (Coseriu, 1952). Os elementos lingüísticos, repetidos pela maioria dos falantes de uma comunidade, constituem a norma. Enquanto o discurso pode ser registrado num gravador, a norma é depreendida, únicamente, pela comparação, pelo método estatístico: o discurso é concreto e a norma é uma abstração. Da norma ficam eliminados os elementos lingüísticos ocasionais do discurso e os individuais, os repetidos por determinado indivíduo (Back, 1964, 160-3).

1.4. O sistema (Coseriu, 1952). Entre os elementos normais, alguns podem ser omitidos ou modificados, sem que tal alteração mude o valor lingüístico da enunciação. É, por exemplo, costume nosso pronunciarmos em pote a vogal o mais ou menos breve, mas em pode mais ou menos longo; se alguém alterar a quantidade desta vogal nas duas palavras, não lhes modificará a significação. O mesmo não se dava em latim, em que os, com vogal breve, significava "osso" e, com vogal longa, "bôca". Em português, a quantidade das vogais é irrelevante, em latim é distintiva. Por conseguinte, os elementos da norma ou são irrelevantes ou distintivos. O conjunto dos elementos distintivos forma o sistema; ou, em outras palavras, o sistema é a norma da qual foram excluídos os elementos irrelevantes (Back, 1964, 161).

1.5. Oposição e correlação. Os elementos distintivos mantêm entre si correlação e oposição. A correlação é formada pelas semelhanças, a oposição pelas diferenças. Exemplificação do português:

- /p/ labial, oclusivo, surdo;
- /t/ apical, oclusivo, surdo;
- /k/ posterior, oclusivo, surdo.

/p/, /t/ e /k/ se comprovam como elementos lingüísticos do português nas palavras /'patu/, /'tatu/ e /'katu/, pato, tato e cato. A correlação entre os três elementos é formada pelos traços fônicos de oclusivo e surdo, a oposição consiste nos traços fônicos diferentes: labial, apical e posterior.

Os traços fônicos que, nesta série, estão em correlação, formam oposição a outros elementos, pois, em caso contrário, não seriam distintivos.

/ž/ posterior, fricativo, sonoro; em jato, /'žatu/. /ž/ em comparação com /k/. A oposição está nos traços fônicos de oclusivo : fricativo; surdo : sonoro; a correlação no traço fônico de posterior.

/g/ posterior, oclusivo, sonoro; em gato, /'gatu/'.

/g/ em comparação com /k/.

Oposição:- sonoro : surdo;  
correlação:- oclusivo e posterior.

/g/ em comparação com /ž/.

Oposição:- oclusivo + fricativo;  
correlação:- posterior e sonoro.

Se um elemento sonoro (fonema) tiver um só traço distintivo, este se opõe a todos os outros: não forma correlação com nenhum.

Assim se evidencia que, no sistema, os mesmos elementos podem funcionar ora em correlação, ora em oposição.

1.6. A fonêmica. Os sons produzidos nos discursos chamam-se sons da fala e são estudados pela fonética; os deduzidos pela comparação, na norma, são os fones, que se compõem dos traços fônicos distintivos e dos irrelevantes (eliminados os individuais e os ocasionais) e são estudados pela fonologia; o fonema é um conjunto de traços fônicos distintivos. "A noção do fonema como um feixe (ingl. bundle) de traços distintivos ficou assim adquirida e consolidada, tanto na escola norte-americana como na europeia de Praga." (Camara Jr., 1953, 38.) Os fonemas, os conjuntos de traços fônicos distintivos que se manifestam na enunciação, são estudados pela fonêmica.

Sons	Traços fônicos	Forma da linguagem	Estudo
Som da fala	todos os enunciados	discurso	fonética
Fone	os normais	norma	fonologia
Fonema	os distintivos	sistema	fonêmica

1.7. A distribuição dos fonemas. O fonema é uma abstração e pode ser realizado por mais de um fone. Todos os fones que realizam o mesmo fonema, são alofones do mesmo fonema e variam, sobretudo, conforme o ambiente fônico. Os fonemas não ocorrem em todos os ambientes e a relação dos ambientes em que se manifestam, é a sua distribuição. A distribuição dos fonemas não altera os seus traços distintivos e, portanto, não é assunto da fonêmica. A distribuição dos fonemas em ambientes diferentes possibilita a existência de alofones, pois "Sounds tend to be modified by their environments" (Pike, 1963, 58-9); por isso, a distribuição é estudada pela fonologia. (1.) As diferenças entre os alofones do mesmo fonema são irrelevantes e formam contraste. O contraste pode constituir o primeiro passo para uma alteração do sistema, a evolução fonêmica.

Na análise é preciso partir dos sons da fala ou dos fones semelhantes para, entre eles, estabelecer os fonemas, os que ocorrem em ambientes idênticos ou análogos, com valor distintivo; por último se assinalam os traços distintivos. Dois fones devem ser considerados par problemático dum mesmo fonema, quando têm traços fônicos iguais, até que o exame revele a situação: Se os dois fones nunca ocorrem no mesmo ambiente, estão em distribuição complementar e, são, por isso, dois alofones do mesmo fonema; se ocorrerem no mesmo ambiente, fazem parte de dois fonemas diferentes.

Um fone é alofone daquele fonema com o qual mantém maior soma de traços fônicos em comum; se estiver equidistante de dois fonemas, decide a simetria da estrutura ou a distribuição ou a morfofonêmica.

1.8. Evolução fonológica. Toda mudança de um alofone, adotada pela maioria dos falantes, constitui evolução fonológica; pode ser restrita, i.e. limitada a determinados ambientes; é convergente, quando se transforma num alofone já existente.

(1.) A articulação dos fonemas, i.e. a combinação dos fonemas, a sua ordem, é a morfologia, articulação em nível superior para construir os morfemas.

A fonologização consiste no estabelecimento de uma nova distribuição de um fonema; implica, também, na alteração da distribuição dos fonemas que, na fase anterior, existiam naquele ambiente.

A defonologização consiste na supressão de determinada distribuição; muda também a distribuição dos fonemas que permanecem no ambiente.

A transfonologização é a substituição de um alofone por outro do mesmo fonema, no mesmo ambiente ou em outro; neste caso pode acontecer que um traço fônico se torne normal ou deixe de ser normal, ou ainda, que um traço fônico normal seja substituído por outro.

A diafonologização é a substituição de um alofone por outro de outro fonema; ocorre quando um traço fônico se integra ao alofone e o coloca no âmbito de outro fonema, por torná-lo mais semelhante a este: altera a distribuição dos dois fonemas e dos vizinhos, neste ambiente.

**1.9. Evolução fonêmica.** A mudança de um traço fônico distintivo constitui evolução fonêmica: pode ser o aumento ou a diminuição do número de traços distintivos de um fonema, a criação ou o desaparecimento de um fonema. Cria-se um novo fonema quando um fone é substituído por outro que seja mais semelhante a outro fonema, com o qual passe a entrar, no mesmo ambiente, em oposição; ou, quando se estabelece um alofone de um fonema nos mesmos ambientes dum alofone já existente: o novo fonema será o fone menos semelhante ao fonema já existente. Toda mudança que não implica em mudança no esquema, não é fonêmica.

A fonemização é a criação de um novo fonema.

A defonemização é a supressão de um fonema.

A transfonemização é a alteração de um traço distintivo de um fonema. A transfonemização coincidente se verifica, quando dois fonemas, concomitantemente, perdem seus traços opositivos e, por conseguinte, se transformam num fonema único.

A diafonemização é a substituição dos traços distintivos de um fonema pelos traços distintivos de outro fonema já existente: é a supressão de um fonema cujas posições são ocupadas por um fonema que a língua possuía. Ou em outras palavras, um fonema se torna igual a outro já existente. Diverge, portanto, da transfonemização coincidente, que cria um novo fonema.

1.10. O estado lingüístico. "É o sistema da língua como se apresenta em cada momento da sua história em sua fixidez aparente." (Camara Jr., 1959, 43.)

1.11. Fonêmica diacrônica. A lingüística estruturalista é uma ciência que surgiu em nosso século e a análise descritiva se tem aplicado a muitas línguas do presente. Desde o século passado foram feitos estudos lingüísticos históricos, que estabeleceram a evolução das palavras e reuniram em "leis fonéticas" a coincidência de evolução de muitas palavras. Como toda língua possui um sistema, na evolução da língua modifica-se também o sistema, o de fonemas, de morfemas e de tag-memas. Em vez de se observar a evolução de cada palavra isolada, é possível estudar a evolução do sistema fonêmico de um estado lingüístico a outro. A fonêmica diacrônica estuda a evolução do sistema fonêmico.

2. Comparação dos sistemas fonêmicos do latim e do português moderno.

2.1. O esquema fonêmico do latim. No livro "Phonétique historique du latin", (Niedermann, 1945, 12-5), Max Niedermann apresenta o quadro das consoantes e vogais latinas. O resultado de seus estudos traduz, embora não fôsse seu objetivo, a realidade fonêmica do latim, com exceção da posterior, nasal (N) que se pode resolver como alofone da apical nasal /n/, diante de posterior oclusiva, como em angustus, ancilla, angustiae, anceps, e como alofone da posterior oclusiva, sonora /g/, diante da apical nasal /n/, como em ligna, magnus (Niedermann, 1945, 14). Com esta modificação, os fonemas do latim apresentam-se segundo os esquemas seguintes:

Consoantes.

		LABIAIS	APICAIS	POSTERIORES
OCLUSIVAS	surdas	/p	t	k
	sonoras	b	d	g
FRICATIVAS		f		s
NASAIS		m		n
LATERAL				L
VIBRANTE				R/

Vogais.

	ANTERIORES	POSTERIORES
ASSILABICAS	/y	w
ALTAS	i:	u:
	i	u
MÉDIAS	e:	o:
	e	o
BAIXAS	a:	
	a/	

2.2. O esquema fonêmico do português moderno. Os fonemas portuguêses foram estudados por Mattoso Camara Jr., no livro "Para o Estudo da Fonêmica Portuguesa" (Camara Jr., 1953).

Consoantes.

		LABIAIS	APICAIS	POSTERIORES
OCLUSIVAS	surdas	/p	t	k
	sonoras	b	d	g
FRICATIVAS	surdas	f	s	š
	sonoras	v	z	ž
NASAIAS		m	n	ñ
LATERAIS			l	ł
VIBRANTE			r̄	
FLAP			r/	

Vogais orais.

		ANTERIORES	POSTERIORES
ASSILÁBICAS		/y	w
ALTAS		i	u
MÉDIAS	fechadas	e	o
	abertas	E	ɔ
BAIXA		a/	

Vogais nasais.

		ANTERIORES	CENTRAL	POSTERIORES
ALTAS	/i		ə	u
MÉDIAS	ɛ			ɔ/

Os esquemas apresentados divergem daqueles estabelecidos pelo autor nos seguintes pontos:

a) Como solução mais simples, o flap é reconhecido como fonema distinto da vibrante, segundo o princípio da comunicação, pois ocorrem pares mínimos: (Camara Jr., 1953, 105 - 110)

caro : carro = /'karu/ : /'kařu/;  
 era : erra = /'Era/ : /'Eřa/;  
 tora : torra = /'tOra/ : /'tOřa/;  
 mira : mirra = /'mira/ : /'míra/.

b) Fica estabelecido um quadro de vogais nasais, pois o próprio autor reconhece que nada impede a interpretação fonêmica das vogais nasais (Camara Jr., 1953, 89-97), a qual é muito mais simples.

### 2.3... Comparação dos traços distintivos dos dois sistemas.

As oclusivas surdas. O português conserva os mesmos traços distintivos do latim, com igual número de fonemas.

Latim e português:

/p/ = labial, oclusivo, surdo.

/t/ = apical, oclusivo, surdo.

/k/ = posterior, oclusivo, surdo.

As oclusivas sonoras. Também nesta série o número de fonemas e os traços distintivos são idênticos.

Latim e português:

/b/ = labial, oclusivo, sonoro.

/d/ = apical, oclusivo, sonoro.

/g/ = posterior, oclusivo, sonoro.

As fricativas surdas. Nenhum traço fonêmico se perdeu, mas o português preencheu a 3ª casa, vazia em latim, pela divisão do campo da não-labial em apical e posterior; houve também a fonemização do traço fônico de surdo, pois em latim não havia oposição entre fricativas surdas e sonoras.

Latim.

Português.

/f/ = labial, fricativo; labial, fricativo, surdo.

/s/ = não-labial, fricativo; apical, fricativo, surdo.

/š/ = -----; posterior, fricativo, surdo.

As fricativas sonoras. Esta série era desconhecida no sistema latino; o português possui uma nova série, criando três novos fonemas pela fonemização dos traços fônicos surdo e sonoro.

Latim.

Português.

/v/ = -----; labial, fricativo, sonoro.

/z/ = -----; apical, fricativo, sonoro.

/ž/ = -----; posterior, fricativo, sonoro.

As laterais. Em latim havia uma única lateral que, por ser fonema não-integrado em série, tinha grande campo de dispersão (Martinet, 1955, 47 e 79) o qual foi reduzido por divisão. O único traço distintivo era o de lateral. Houve a fonemização dos traços fônicos posterior e não-posterior; este se realiza pelo alofone apical, quando explosivo, e como apical com coarticulação dorsal, quando implosivo.

Latim.

Português.

/L/ = lateral; /l/ = lateral, não-posterior.

/ł/ = -----; lateral, posterior.

As nasais. Na série das consoantes nasais dividiu-se o campo da não-labial pela fonemização dos traços fônicos de apical e posterior, fato que preencheu a 3<sup>a</sup> casa. Os demais traços distintivos são os mesmos.

/m/ = labial, nasal;      labial, nasal.

/n/ = não-labial, nasal;    apical, nasal.

/ñ/ = -----;                posterior, nasal.

A vibrante. A vibrante é um fonema não-integrado, tanto em latim, como em português, portanto com um campo de dispersão muito grande; em português, atualmente, é variante facultativa a uvular para a vibrante (apical), quando inicial (Camara Jr., 1953, 105), "vibrante alveolar, surda; fricativa álveo-palatal, surda; fricativa álveo-palatal, sonora; fricativa velar, surda, vibrante uvular, surda e flap" (Cintra, 1962, 28 e 31). O português conservou o mesmo fonema com o mesmo traço distintivo.

Latim e português.

/R/ = vibrante;              /r̄/ = vibrante.

O flap. Este fonema não existia em latim; podia fazer parte do campo de dispersão da vibrante latina. Ocorreu a fonemização do traço fônico de flap, único distintivo.

Latim.                      Português.

/r/ = -----;                flap.

As vogais assilábicas. Conservam os mesmos traços distintivos em igual número de fonemas.

Latim e português.

/y/ = vogal assilábica, anterior.

/w/ = vogal assilábica, posterior.

As vogais. É entre as vogais que os dois sistemas apresentam as maiores discrepâncias. O latim possuía um sistema de 10 vogais cujos traços distintivos se baseiam na quantidade, em três graus de abertura e a posição da língua; o português tem dois sistemas, o primeiro de 7 vogais orais, cujos traços distintivos são a ressonância oral, quatro graus de abertura e a posição da língua, o segundo de 5 vogais nasais, cujos traços distintivos são a ressonância nasal, dois graus de abertura e a posição da língua.

Latin.

- /i:/ = vogal longa, anterior, alta.
- /i/ = vogal breve, anterior, alta.
- /e:/ = vogal longa, anterior, média.
- /e/ = vogal breve, anterior, média.
- /a:/ = vogal longa, -----, baixa.
- /a/ = vogal breve, -----, baixa.
- /u:/ = vogal longa, posterior, alta.
- /u/ = vogal breve, posterior, alta.
- /o:/ = vogal longa, posterior, média.
- /o/ = vogal breve, posterior, média.

Português.

- /i/ = vogal oral, anterior, alta.
- /e/ = vogal oral, anterior, média, fechada.
- /E/ = vogal oral, anterior, média, aberta.
- /a/ = vogal oral, -----, baixa.
- /u/ = vogal oral, posterior, alta.
- /o/ = vogal oral, posterior, média, fechada.
- /O/ = vogal oral, posterior, média, aberta.
- /ĩ/ = vogal nasal, anterior, alta.
- /ẽ/ = vogal nasal, anterior, média.
- /ã/ = vogal nasal, central.
- /ũ/ = vogal nasal, posterior, alta.
- /õ/ = vogal nasal, posterior, média.

Como não há oposição entre vogais baixas, em relação à posição da língua, a vogal baixa tem maior campo de dispersão, também em latim. No sistema das nasais a vogal central se realiza como média (ẽ), mas o fonema está representado pela letra a, correspondente ao quadro das vogais orais.

Resumo: O latim tinha um sistema de doze consoantes; o português possui estas mesmas consoantes e ainda aumentou o número delas em 7, de 12 para 19, fato que alterou os traços distintivos das consoantes da mesma série ou do mesmo modo de articulação. Os fonemas novos surgiram

- 3 pelo acréscimo de uma série;
- 3 pela ocupação da 3<sup>a</sup> casa vazia;
- 1 pelo acréscimo do flap, fonema não-integrado.

O sistema de 2 vogais assilábicas permaneceu.

O latim conhecia um sistema de 10 vogais; o português tem 12 vogais, em dois subsistemas, de 7 e 5 respectivamente.

Latim: 12 consoantes, 2 semivogais, 10 vogais. Total: 24.

Port.: 19 consoantes, 2 semivogais, 12 vogais. Total: 33.

### 3. O sistema fonêmico do latim lusitânico.

O sistema apresentado no 2º capítulo é o que vigorava no latim falado em Roma, no 1º século A.C., estado linguístico que é o ponto de partida deste trabalho e está denominado, simplesmente, latim. "... é do período final da República e dos primeiros tempos do império... que data a unidade fundamental do latim vulgar" (Maurer, 1962, 180), como base comum de todas as línguas românicas.

Nesta época ainda não havia discrepâncias no sistema fonêmico do latim clássico e do latim vulgar, pois "Pode... afirmar-se, sem perigo de êrro, que no fim do período republicano o latim falado pelas classes populares ainda estava limitado principalmente a Roma e cercanias..." (Maurer, 1962, 180). As diferenças morfológicas e sintáticas já eram muito grandes, neste século, como pela redução dos casos e das declinações; mas "A fonética vulgar era muito semelhante à clássica, embora cedo apresentasse peculiaridades perceptíveis" (Maurer, 1962, 67).

"Segundo entendemos, entretanto, e segundo procuramos demonstrar no capítulo III, a homogeneidade do latim vulgar se explica pela sua formação inicial em uma época anterior à grande latinização das províncias, que se consuma principalmente como resultado da organização administrativa sistemática e inteligente de Augusto e dos seus sucessores. ... No 'Pro Archia', contrasta Cícero a larga disseminação do grego com os estreitos limites do latim com estas palavras: 'Nam si quis minorem gloriae fructum putat ex Graecis versibus percipi quam ex Latinis, vehementer errat: propterea quod Graeca leguntur in omnibus fere gentibus, Latina suis finibus, exiguis sane, continentur' (X, 23)" (Maurer, 1962, 178).

"A latinização decisiva da România pertence ao período imperial" (Maurer, 1962, 179). Com a latinização do vasto império romano surgem as formas dialetais e cada região elabora lentamente o seu próprio sistema, apesar das tendências unificadoras, oriundas do Centro da Itália.

O segundo estado linguístico, alcançado na região em que futuramente se ia estabelecer o reino de Portugal, está denominado latim lusitânico, sem referência ao latim imperial, embora muitas mudanças sejam comuns a todo o império.

3.1. A estrutura fonológica do latim.

Consoantes.

		LABIAIS		APICAIS	POSTERIORES	
		Bilab.	L-dent.		Front.	Dors.
OCLUSIVAS	surdas	(p		t	č	k
	sonoras	b		d	đ	g
FRICATIVAS	surdas		f	s		
NASAIS	sonoras	m		n		N
LATERAIS	sonoras				č	L
VIBRANTE	sonora					R)

Vogais.

		ANTERIORES	CENTRAIS	POSTERIORES
		não-arred.	não-arred.	arredond.
ASSILÁBICAS		(y		w
ALTAS	longas fechadas	i:		u:
	breves abertas	I		U
MÉDIAS	longas fechadas	e:		o:
	breves abertas	E		O
BAIXAS	longa -----		a:	
	breve -----		á)	

As posteriores oclusivas /k/ e /g/ tinham, diante das vogais anteriores, como alofones as frontais oclusivas (č) e (đ), respectivamente, e em outros ambientes, as dorsais oclusivas (k) e (g) (Meillet, 1948, 139 e 249-50).

A lateral, por ser fonema não-integrado, pode teóricamente variar muito na sua realização. /L/ tinha dois alofones: (č) diante de vogais anteriores altas (Niedermann, 1945, 28) e quando geminado (Meillet, 1948, 138); (L) nos demais ambientes (Meillet, 1948, 138).

As vogais baixas /a:/ e /a/ se realizavam como centrais não-arredondadas (à:) e (á) respectivamente; as anteriores e as posteriores, breves, se realizavam como abertas em contraste com as longas, que eram fechadas. Assim os fonemas /i/, /é/, /u/ e /o/ se realizavam pelos alofones (I), (E), (U) e (O), respectivamente (Meillet, 1948, 246).

### 3.2. A transfonemização do acento.

#### 3.2.1. Rendimento fonêmico.

O acento latino era de fraco rendimento fonêmico, pois a posição do acento, em geral, é previsível: os disílabos eram paroxítonos, os vocábulos de mais de duas sílabas paroxítonos, se a penúltima era longa, e proparoxítonos, se a penúltima era breve (Niedermann, 1945, 20-1). Fogem a esta regra algumas palavras como addic, educ, além de uirique, armaque, mulierue, legisne, huiusce, ipsem et semelhantes (Niedermann, 1945, 21-2). Existia, pelo menos, um par mínimo, itaque /i'takwe/ : /'itakwe/ "e assim" : "portanto". O acento português tem um rendimento fonêmico maior: encontram-se muitos pares mínimos, sobretudo na conjugação: sabia : sabia : sabiá; fábrica : fabrica; secretaria + secretraria; andara : andará; venderas : venderás.

#### 3.2.2. O traço distintivo do acento latino.

O acento era melódico no latim clássico e no latim falado em Roma, desde o fim do latim arcaico até o fim do período republicano (Niedermann, 1945, 16 - 20.)

Estágio	Traço distintivo	Traço irrelevante	Processo
A	melódico	-----	-----
B	melódico	intensivo	fonologiz.
C	intensivo	melódico	transfonem.
D	intensivo	-----	defonolog.

O acento latino sofreu transfonemização, no segundo estado lingüístico, o latim lusitânico. Em certa época, o acento adquiriu um traço irrelevante, o intensivo (= fonologização deste traço fônico); num estágio posterior, ocorreu a transfonemização: o traço distintivo foi substituído por outro, o melódico pelo intensivo; por último, deu-se a defonologização do traço melódico: deixou de ser irrelevante e desapareceu. E assim o acento permaneceu até nossos dias.

(2) Empregam-se os termos fonologização, fonemização, etc., também, em relação aos traços fônicos.

### 3.2.3. Provas da existência do acento melódico.

Que o acento era melódico no latim clássico e no latim vulgar até determinada época se comprova:

a) pelas regras da métrica, todas baseadas na quantidade, sendo o ritmo sempre independente da posição do acento (Meillet, 1948, 241 e Maurer, 1959, 65).

b) A fonologia histórica latina divide o seu assunto em capítulos como "Transformações devidas à intensidade inicial", "Transformações causadas em parte pela intensidade inicial" e "Transformações independentes da intensidade inicial"; os capítulos estudam a evolução das vogais em sílaba interior aberta, em sílaba interior fechada, em sílaba final, etc., mas não há distinção entre a evolução de vogais tônicas e átonas (Niedermann, 1945, 27 - 100), ao passo que a fonologia histórica do português traz capítulos como a "Evolução das vogais 'tônicas'", "A evolução das vogais 'átonas'" (Nunes, 1951, 40 - 72 e Coutinho, 1954, 99 - 105); pois o acento melódico não altera o timbre das vogais, mas o acento intensivo, conforme a sua presença ou ausência, é responsável, em regra, por quadros distintos de vogais (Câmara Jr., 1959, 76), i.e a distribuição das vogais em sílabas intensivas e fracas não é a mesma, como no português.

Desde que surgiu o acento intensivo, ocorreu freqüentemente a síncope de vogais adjacentes à sílaba intensiva (Maurer, 1959, 65); "a causa desse fato deve encontrar-se na preponderância, cada vez maior, do elemento intensivo do acento latino." (Silva Neto, 1956, 75.)

c) As descrições que os romanos nos deixaram, só convêm ao tom (Meillet, 1948, 241 e Maurer, 1959, 65 - 6).

d) As descrições que Cícero fez das cláusulas de seus discursos também são em termos de quantidade, sempre independentes da posição do acento (Meillet, 1948, 241).

Não cabe alegar que os romanos "seguiam quase servilmente as teorias que os gramáticos gregos lhes haviam legado" (Faria, 1955, 124), pois "certamente um romano, com a consciência de latinidade e sensibilidade de Cícero, distinguiria imediatamente entre a musicalidade do acento grego e a energia dinâmica do acento latino, se tal diferença realmente existisse" (Maurer, 1959, 66). (Cf. Maurer, 1959, 65-8 e Maurer, 1962, 150 e 160-2). Ninguém fará poesia, em sua língua materna, segundo características prosódicas contrárias à estrutura. Nenhum poeta brasileiro faz versos portuguêses em hexâmetros datílicos.

Nem é válida a estatística do Prof. E. Sturtevant (Faria, 1955, 133-4) para mostrar a coincidência do icto métrico e do acento vocabular nos dois últimos pés do hexâmetro, como prova de que o ritmo latino estava baseado no acento intensivo. As regras de acentuação latina, diferentes do grego, forçavam a coincidência nestes pés (Meillet, 1948, 242 e Nougaret, 1948, 41-8), acidente imposto pela estrutura das palavras latinas e não algo desejado pelos poetas. Se a última palavra do hexâmetro datílico não fosse monossilábica, caso em que não havia coincidência, tinham que coincidir, no últimopé, o acento e o icto, porque a penúltima sílaba do verso era longa e, por isso, ali só cabia um paroxítono. Se a última palavra era trissilábica, forçava, por razões análogas, a presença de um paroxítono no penúltimo pé, em coincidência com o icto. Se a último vocáculo fosse dissílabo, o penúltimo nem monossílabo nem dissílabo casos em que desaparece a coincidência, no penúltimo pé só cabia um proparoxítono em coincidência com o icto.

Demonstração pelos primeiros versos da Eneida:

(Estão sublinhadas as sílabas tônicas e o icto métrico assinalado por acento agudo.)

Ármă uǐ/rúmquě că/nó, Trōi/āe qui / prímŭs āb / ōrīs  
Ítāli/ám fā/tó prōfū/gús Lā/uíniāquě / uénít  
lítōrā, / múlt' il/l' ét tēr/rís iāc/tátūs ét / áltō  
ui súpē/rúm sāe/uāe měmō/rém Iū/nónis ób / írām,  
múltā quō/qu' ét bēl/ló pās/sús, dūm / cóndērēt / úrbēm  
ínfēr/rétkvě dě/ós Lătī/ó, gěnūs / úndě Lă/tínūm  
Álbā/íquě pă/tré̄s át/qu' áltāe / mōenīá / Rómāe.  
Múšă mí/hí cău/sás měmō/rá, quō / númīně / láesō  
quíduě dō/léns rē/gínă dě/úm tōt / uóluěrě / cásūs  
ínsig/ném přě/tátě uǐ/rún, tōt šd/írě lă/borēs  
ímpūlě/rít. Iān/táen' áni/mís cāe/lestibūs / írāe?

No 1º, 3º e 4º verso há uma sílaba tônica a mais que icto. Já no segundo verso, não coincidem o acento e o icto, porque a penúltima palavra, Iauiniaque, embora tendo a penúltima sílaba breve, é paroxítona por estar seguida de vocáculo enclítico (Niedermann, 1945, 21).

O acento e o icto também não coincidem, quando ocorre um monossílabo nos dois últimos pés ou quando as duas últimas palavras são dissilábicas.

Áeðlē, / námquē t̄/bí d̄/uóm p̄at̄er / átqu' h̄om̄i/núm r̄ex (66)  
dát l̄at̄us, /íns̄equi/túr c̄um̄i/ló prāe/rúpt̄us á/quae m̄ons. (105)  
mórt̄a/líis, n̄ec/uóx h̄om̄i/ném s̄on̄at; / ó, d̄ě / c̄ért̄e (328)

No pentâmetro desaparecem as coincidências nos dois últimos pés, porque o verso tem outra construção.

Exemplos da Elegia Décima de Ovídio:

Quém l̄eḡis, / út nō/ríis, // áccip̄e, / p̄ost̄eri/tás (2)  
Milliá / cui n̄oui/és // d̄ist̄at̄ áb/Úrb̄e d̄e/cém. (4)  
Cum̄ c̄eci/dít f̄a/tó // c̄ons̄ul ū/térguē p̄a/rí (6)  
Nón m̄od̄o / f̄ort̄u/næ // m̄ún̄er̄e /f̄act̄us ē/qués (8)  
Quí tr̄ib̄us / ánt̄e quā/tér // m̄éns̄ib̄us / órt̄us ē/rát (10)  
Sóll̄ici/táeguē f̄u/gáx // ámb̄iti/ónis ē/rám (38)

### 3.2.4. Época da transfonemização.

O início da transformação deve ter ocorrido, segundo os comentários de Cícero (Maurer, 1959, 66-7) no Lácio, pelo menos no I século A.C. Implantou-se depois o acento intensivo na fala da plebe romana e foi penetrando todas as camadas da população até prevalecer na linguagem falada pelas pessoas cultas, no IV séc. D.º., quando se verifica a primeira confusão entre os poetas (Maurer, 1959, 65, 67-8). (Cp. ainda Maurer, 1959, 9-10 e os dois últimos capítulos de Maurer, 1962.)

### 3.3. O sistema de vogais.

Em latim, a quantidade das vogais era fonêmica (2.3.), às vezes o único traço distintivo entre duas palavras. Ex. sagitta : /sa'gitta/ "a fi cha" : /sa'gitta:/ "com a flecha". O aparecimento do acento intensivo fez desaparecer a quantidade das vogais. As vogais acentuadas se tornaram, automaticamente, mais ou menos longas e as não-acentuadas mais ou menos breves, fato que continua normal no português moderno. O gramático Sacerdote, no século III D.C., fala em abreviamento de sílabas longas em posição final e em alongamento de

vogais breves acentuadas (Maurer, 1959, 9). Sto. Agostinho, que viveu de 354 a 430, observa que não se fazia distinção de quantidade na África (Maurer, 1959, 9). Já nas inscrições de Pompéia, encontramos grafiias como aduaentu, aedeo (=edo), laesaerit por laeserit que provam a ausência de distinção quantitativa entre as vogais, no I séc. D.C. nesta cidade, pois o ditongo /ay/ fôra longo (Maurer, 1959, 9) e nestes exemplos ae está substituindo vogais breves.

### 3.3.1. A transfonemização coincidente das vogais baixas.

	traços distintivos	traços irrelevantes
Latim /a:/	vogal longa, baixa	central, não-arredondada
/a/	vogal breve, baixa	central, não-arredondada
Lt.lus. /a/	vogal ----- baixa	central, não-arredondada

O advento do acento de intensidade causou o desaparecimento da quantidade, a sua defonemização: Os traços (traços i. e. de longo ou breve deixaram de ser distintivos. Como na norma latina não havia contraste entre os traços irrelevantes das vogais baixas (3.1.), que pudesse ser aproveitado como distintivo, ocorreu a transfonemização coincidente das vogais baixas:

Lat. /a:/ + /a/ = /a/, latim lusitânico.

O fonema /a/ do latim lusitânico não é idêntico ao /a/ do latim, como o emprêgo da mesma letra parece indicar: os traços distintivos são outros e, portanto, diferentes as relações no sistema.

Do latim lusitânico ao português moderno esta vogal /a/ se manteve no sistema.

Exemplos:

/a:/ tônico.			
Ortogr. lt.	Signif.	Latim	Latim lusitânico
pratum	"prado"	/'pRa:tu/	- /'pRatu/ ...
pacem	"paz"	/'pa:ke/	- /'pake/ ...
fabam	"fava"	/fa:ba/	- /'faba/ ...

/a:/ átono.

naricem	"nariz"	/na:'Ri:ke/	- /na'Ri:ke/ ...
uaginam	"bainha"	/wa:'gi:na/	- /wa'gi:na/ ...
hac hora	"agora"	/a:'ko:Ra:/	- /a'ko:Ra/ ...

/a/ tônico.

<u>Ortogr. lat.</u>	<u>Significado</u>	<u>Latim</u>	<u>Lat. lusit.</u>
patrem	"pai"	/'patRe/	- /'patRe/ ...
latus	"lado"	/'Latu/	- /'Latu/ ...
animam	"alma"	/'anima/	- /'anima/ ...
/a/ átono.			
terram	"terra"	/'teRra/	- /'teRra/ ...
arenam	"areia"	/a'Re:nay/	- /a'Re:na/ ...
aprilem	"abril"	/a'pRi:Le/	- /a'pRi:Le/ ...

### 3.3.2. A transfonemização das vogais altas e médias.

		<u>Traços distintivos</u>	<u>Traços irrelevantes</u>
Lt. /i:/	anterior, alta, longa	fechada, não-arred.	
Lt. lus. /i/	anterior, alta, fechada	-----, não-arred.	
Lt. /i/	anterior, alta, breve	aberta, não-arred.	
Lt. lus. /I/	anterior, alta, aberta	-----, não-arred.	
Lt. /u:/	posterior, alta, longa	fechada, arredond.	
Lt. lus. /u/	posterior, alta, fechada	-----, arredond.	
Lt. /u/	posterior, alta, breve	aberta, arredond.	
Lt. lus. /U/	posterior, alta, aberta	-----, arredond.	
Lt. /e:/	anterior, média, longa	fechada, não-arred.	
Lt. lus. /e/	anterior, média, fechada	-----, não-arred.	
Lt. /e/	anterior, média, breve	aberta, não-arred.	
Lt. lus. /E/	anterior, média, aberta	-----, não-arred.	
Lt. /o:/	posterior, média, longa	fechada, arredond.	
Lt. lus. /o/	posterior, média, fechada	-----, arredond.	
Lt. /o/	posterior, média, breve	aberta, arredond.	
Lt. lus. /O/	posterior, média, aberta	-----, arredond.	

Na norma latina, as vogais altas e médias, breves, eram abertas em contraste com as longas, que eram fechadas. (3.1.) Quando a quantidade se perdeu como traço fonêmico, os traços contrastantes passaram a distintivos: transfonemização das vogais altas e médias, que perderam os traços distintivos de longo e breve e os substituíram por fechado e aberto.

Com estas evoluções fonêmicas, os traços distintivos das vogais do latim lusitânico, em sua primeira fase, eram 5 graus de abrimento bucal e duas posições da língua, conforme o esquema seguinte:

		ANTERIORES	POSTERIORES
ALTAS	fechadas	/i	u
	abertas	I	U
MÉDIAS	fechadas	e	o
	abertas	E	O
BAIXA		a/	

Este sistema não se manteve; ainda no latim lusitânico, numa segunda fase, sofreu evolução (3.3.3.).

### 3.3.3. A diafonemização das vogais altas, abertas.

As vogais altas, abertas sofreram diafonemização para as vogais médias, fechadas: /I/ - /e/; /U/ - /o/. Como consequência as vogais altas, fechadas sofreram transfonemização, pois a oposição, entre estas vogais e as que desapareceram, foram os traços fônicos de fechado e aberto; como as abertas deixaram de existir, o traço fônico de fechado sofreu defonemização: não é mais distintivo. "Já no terceiro século (Appendix Probi) se documentam torma (turma) e emago (imago)." (Silva Neto, 1956, 89.)

Com esta diafonemização perderam-se mais duas vogais e o esquema ficou reduzido a 7. Os traços distintivos das vogais eram 4 graus de abrimento bucal e 2 posições da língua. O sistema assim permaneceu até o português arcaico, (5.1.).

#### Esquema das vogais no latim lusitânico.

		ANTERIORES	POSTERIORES
ALTAS		/i	u
MÉDIAS	Fechadas	e	o
	abertas	E	O
BAIXA		a/	

/i/	anterior, alta;	não-arredondada.
/u/	posterior, alta;	arredondada.
Traços distint.		irrelevantes.

## Exemplos.

/i:/ - /i/.

<u>Ortogr. lt.</u>	<u>Significado</u>	<u>Latim</u>	<u>Latim lusit.</u>
riuum	"rio"	'Ri:u/	- /'Riu/ - /'Rio/
spinam	"espinha"	'spi:na/	- /'spina/ ...
spicam	"espiga"	'spi:ka/	- /'spika/ ...
uineam	"vinha"	'wi:nea/	- /'winEa/ ...
uitem	"vide"	'wi:te/	- /'wite/ ...
dico	"digo"	'di:ko/	- /'diko/ ...
fiduciam	"fiúza"	/fi:'du:kia/-/fi'dukIa/	.../...
ripariam	"ribeira"	/Ri:'pa:Ria/-/Ri'paRIa/...	...
titionem	"tição"	/ti:ti'o:ne/-/titI'onE/	...
		/i/ - /I/ - /e/.	
picem	"pez"	'pike/	- /'pIkE/ - /'peke/...
pillum	"pêlo"	'piLLu/	- /'pILLU/ - /'peLlo/...
piram	"pêra"	'piRa/	- /'pIRa/ - /'peRa/...

/u:/ - /u/.

lucem	"luz"	'Lu:ke/	- /'LukE/ ...
scutum	"escudo"	'sku:tu/	- /'skutU/ - /'skuto/...
nudum	"nu"	'nu:du/	- /'nudU/ - /'nudo/ ...
mulum	"mu"	'mu:Lu/	- /'muLU/ - /'muLo/ ...
uuam	"uva"	'u:wa/	- /'uwa/ ...
pulicem	"pulga"	'pu:Lika/	- /'puLIka/-/puLeka/...
uerrucam	"verruga"	/weR'Ru:ka/	- /wER'Ruka/ ...

/u/ - /U/ - /o/.

lupum	"lôbo"	'Lupu/	- /'LUpU/ - /'Lopo/ ...
lutum	"lodo"	'Lutu/	- /'LUtU/ - /'LoTo/ ...
unde	"onde"	'unde/	- /'UndE/ - /'onde/ ...
buccam	"bôca"	'bukka/	- /'bUkka/ - /'bokka/ ...
turrim	"tôrre"	'tuRRe/	- /'tURRE/ - /'toRRE/ ...
lucrum	"lôgro"	'LukRu/	- /'LUkRU/ - /'LokRo/ ...
ruptum	"rôto"	'Ruptu/	- /'RUpTU/ - /'Ropto/ ...
guttam	"gôta"	'gutta/	- /'gUtta/ - /'gotta/ ...
puteum	"poço"	'puteu/	- /'pUteU/ - /'poteO/ ...
utrem	"odre"	'utRe/	- /'UtRE/ - /'otRE/ ...
putrem	"podre"	'putRe/	- /'putRE/ - /'potRE/ ...
scupam	"escôva"	'skupa/	- /'skUpa/ - /'skopa/ ...

<u>Ortegr.lt.</u>	<u>Signific.</u>	<u>Latim</u>	<u>Latim lus.</u>
/e:/ - /e/.			
mensem	"mês"	/'me:se/	- /'mesE/ ...
prehensum	"prêso"	/'pRe:su/	- /'pResU/ - /'pReso/ ...
tres	"três"	/'tRe:s/	- /'tRes/ ...
plenum	"cheio"	/'pLe:nu/	- /'pLenU/ - /'pLeno/ ...
credo	"creio"	/'kRe:do:/	- /'kRedo/ ...
telam	"teia"	/'te:la/	- /'teLa/ ...
/e/ - /E/.			
decem	"dez"	/'deke/	- /'dEkE/ ...
herbam	"erva"	/'eRba/	- /'ERba/ ...
leporēm	"lebre"	/'LepoRe/	- /'LEpORE/ ...
fellem	"fel"	/'feLLe/	- /'fELLE/ ...
petram	"pedra"	/'petRa/	- /'pEtRa/ ...
ferrum	"ferro"	/'feRRu/	- /'fERRU/ - /'fERRo/ ...
/o:/ - /o/.			
florem	"flor"	/'fLo:Re/	- /'fLoRE/ ...
totum	"todo"	/'to:tU/	- /'totU/ - /'toto/ ...
prorám	"proa"	/'pRo:Ra/	- /'pRoRa/ ...
ouum	"ôvo"	/'o:wu/	- /'owU/ - /'owo/ ...
cohortem	"côrte"	/'ko:Rte/	- /'koRte/ ...
/o/ - /ɔ/.			
rotam	"roda"	/'Rota/	- /'R0ta/ ...
nouem	"nove"	/'nowe/	- /'nOwlE/ ...
operam	"obra"	/'opeRa/	- /'OpERA/ ...
rosam	"rosa"	/'Rosa/	- /'ROsa/ ...
sortem	"sorte"	/'sORte/	- /'sORte/ ...
socrum	"sogra"	/'sokRa/	- /'sOkRa/ ...

### 3.3.4. Os hiatos.

No latim, as vogais se distribuíam por todas as sílabas, quer tónicas, quer átonas. Com a existência de dez vogais, o hiato, a distribuição de vogal diante de vogal, era uma sobrecarga, contrária à economia da língua; o latim havia reagido, limitando pela apofonia (Niedermann, 1945, 28 - 42) a distribuição das vogais breves a determinados ambientes e reduzindo o número de hiatos pela crase

(Niedermann, 1945, 100-7). Restavam ainda os hiatos formados por vogal mais vogal de timbre diferente (Niedermann, 1945, 100), além de /uu/ de /uo/.

$i + V = i + \overset{+}{y} + V$  fonologização de ( $\overset{+}{y}$ );  
 $'i + V = i + \overset{+}{y} + V$ , em vocábulos proparoxítonos.

Ainda no latim foram eliminados os hiatos formados pela vogal (i) mais vogal de timbre diferente, pela fonologização da semiconsoante anterior ( $\overset{+}{y}$ ) entre as duas vogais (Niedermann, 1945, 149-50 e Meillet, 1948, 250-1). O latim lusitânico, pois, recebeu uma distribuição não assinalada pela ortografia latina. No latim lusitânico, se a primeira vogal era intensiva de vocal proparoxítono, o acento se deslocava sobre a segunda vogal: transfonologização do acento por mudança de distribuição. A vogal (i) - (I) sofreu evolução, ainda na 1ª fase (3.3.5), antes de /I/ passar a /e/.

#### Exemplos.

<u>Ortogr. lt.</u>	<u>Signif.</u>	<u>Latim</u>	<u>Latim lus.</u>
filium	"filho"	/'fi:Liyu/	- /'filiyU/ ...
radium	"raio"	/'Radiyu/	- /'RadIyU/ ...
capiam	"caiba"	/'kapiya/	- /'kapIya/ ...
medium	"meio"	/'mediyu/	- /'mEdIyU/ ...
seniorem	"senhor"	/seni"yo:Re/	- /sEnI'yoRE/ ...
parietem	"parede"	/pa'Riyete/	- /paRI'yEtE/ ...

$E + V = \overset{+}{y} + V$  diafonologização de E - y, em síl. não-inic.  
 $'E + V = E + 'V = \overset{+}{y} + 'V$ , nos proparoxítonos.

Em sílaba não-inicial, a vogal fraca (E), em hiato com uma vogal seguinte, sofreu diafonologização para a semiconsoante anterior ( $\overset{+}{y}$ ). (E) intensivo, em hiato nos proparoxítonos, perde o acento em favor da sílaba seguinte e é substituído por ( $\overset{+}{y}$ ), que tem posterior evolução. (3)

Formas atestadas pelo Appendix Probi:

Nº	
55	uinea non uinia
63	cauea non cauia
65	brattea non brattia
66	cochlea non coclia
67	cocleare non cocliare

(3) Sobre o deslocamento do acento: Niedermann, 1945, 23..

68	palearium	non	paliarium
72	lancea	non	lancia
80	solea	non	solia
81	calceus	non	calcarius
117	tinea	non	tinia
157	linteum	non	lintium.

Exemplos:

<u>Ortogr. lt.</u>	<u>Signif.</u>	<u>Latim</u>	<u>Latim lus.</u>
paleam	"palha"	/'paLea/'	- /'paLEa/ - /'paLyA/...
linteolum	"lençol"	/Lin'teoLu/	- /LIntE'OLU/- /LEn'tyOLo/..

U + V = zero + V , defonologização de (U) fraco.

U + V = † + V , diafonologização de (U) - (†), no perfeito.

O latim lusitânico eliminou, por síncope, a vogal fraca (U), quando em hiato com vogal seguinte, a não ser no pretérito perfeito, onde o hiato se conservou durante mais tempo (Grandgent, 1952, 148) e foi desfeito por diafonologização da vogal (U) para (†), que teve posterior evolução (4.7.) "Dai as formas vulgares: cardus (carduus), mortus (mortuus)... quattor (quattuor), febraxius (februarius), manaria (manaria), vinacre (vinum acre)... cardeles (cardueles) etc." (Maurer, 1959, 19).

Exemplos.

<u>Ortogr. lt.</u>	<u>Signif.</u>	<u>Latim</u>	<u>Latim lus.</u>
mortuum	"morto"	/'moRtuu/'	- /'mORTUU/ - /'mORTU/...
quattuor	"quatro"	/'kwattuoR/	- /'kwattUOR/- /'kwattOR/..
habuit	"houve"	/'abuit/	- /'abUIT/ - /'abwet/...
potui	"pude"	/'potui:/	- /'pOtUi/ - /'pOtwi/...
sapui:sapii	"soube"	/'sapui:/	- /'sapUi/ - /'sapwi/...
posuit	"põe"	/'posuit/	- /'pOsUIT/ - /'pOswet/...

Muitos outros hiatos desapareceram do latim lusitânico pela eliminação das palavras ou das flexões, como eorum, eum, earum, eam, coegi, coacti. A fonologização de (ŷ), a diafonologização de (E) - (ŷ) e de (U) - (ŷ) não causaram confusão fonêmica, porque os fonemas /y/ e /w/ não ocorriam nestes ambientes; mesmo a defonologização de (U) não parece ter trazido conflito homônimo. Assim a distribuição dos fonemas não foi impedimento à evolução.

Os demais hiatos se conservaram no latim lusitânico; mas vogal intensiva, em hiato com (â) seguinte, foi substituí-

da, por diafonologização, pela vogal mais alta da mesma série.

Exemplos.

<u>Ortogr. lt.</u>	<u>Signif.</u>	<u>Latim</u>	<u>Latim lus.</u>
meam	"minha"	/'mea/	- /'mia/ ...
diem	"dia"	'dia/	- /'dia/.
duas	"duas"	'duas/	- /'duas/.
uiam	"via"	'wia/	- /'wia/...
suam	"sua"	'sua/	- /'sua/.

Esta evolução é fonológica: altera a distribuição das vogais. Não importa se houve substituição direta (e) - (i) ou gradual (e) - (I) - (i). Os demais hiatos, como creare, leonem, se conservaram.

### 5.3.5. A síncope das vogais adjacentes à sílaba intensiva.

Outra consequência do aparecimento do acento intensivo é a síncope das vogais adjacentes à sílaba intensiva.

$\ddot{w} + I + t = \begin{cases} \text{zero} \\ \dot{w} + t \end{cases}$ , defonologização de I, no perfeito.

Na 3ª pessoa, singular, do indicativo do pretérito perfeito, ocorreu a síncope de (I); esta defonologização causou a transfonologização da semiconsoante ( $\ddot{w}$ ) para a semivogal ( $\dot{w}$ ), fato que resultou nos ditongos /aw/, /ew/ e /iw/, os dois últimos - novos. (Niedermann, 1945, 18.) Enquanto estes se conservaram até nossos dias, o primeiro, /aw/, teve posterior evolução (5. . ).

Exemplos.

<u>Ortogr. lt.</u>	<u>Significado</u>	<u>Latim lusitânico.</u>
cantauit	"cantou"	/kan'tawIt/ - /kan'tawt/ ...
impleuit	"encheu"	/Im'plEwIt/ - /Im'pLewt/ - /e.../
partiuit	"partiu"	/paR'tiwiIt/ - /paR'tiwt/ ...

Nesta evolução não houve confusão fonêmica.

$I + y + V = \text{zero} + y + V$ , defonologização de I.

A vogal (I), seguida de ( $\ddot{y}$ ) (3.3.4) desaparece por síncope, menos em sílaba inicial, em evolução anterior à diafonemização da vogal alta, aberta /I/. "Pareil amusement est arrivé à tous les i placés entre une consonne et un y que le la-

tin n'écrivait pas mais que se prononçait nécessairement: medium est ainsi devenu †medyo et uenio - †wenyo." (Meillet, 1948, 250.)

Esta defonologização de (I) trouxe a confluência fonêmica destas formas com as que provieram de (E) - (ŷ) (3.3.4.):

$$\begin{array}{l} I + y + V \\ \quad \quad \quad = y + V \\ E + V \end{array}$$

Conflito homônimo, solea "sandália" e solia "poltronas", se é que surgiram homônimos, não pôde evitar a confusão fonêmica. Estas formas tiveram posterior evolução.

Exemplos.

<u>Ortogr.lt.</u>	<u>Significado</u>	<u>Latim lusitânico</u>
filium	"filho"	/'fiLIyU/ - /'fiLyU/ - ....
radium	"raio"	/'RadIyU/ - /'RadyU/ ...
capiam	"caiba"	/'kapIyU/ - /'kanya/....
iunium	"junho"	/'yunIyU/ - /'yunyU/ ...
basium	"beijo"	/'basIyU/ - /'basyU/ ...
passionem	"paixão"	/passI'yone/ - /pas'syonE/ ...
corium	"couro"	/'koRIyU/ - /ko'RyU/ ...
rabiem	"raiva"	/'RabIya/ - /'Rabya/ ...
faciem	"face"	/'fakIyE/ - /'fakyE/ ...
rationem	"razão"	/RatI'yonE/ - /Ra'tyonE/ ...

V = zero.

A síncope da vogal fraca, adjacente à sílaba intensiva faz-se no latim lusitânico, quando o resultado da defonologização da vogal é

- o grupo próprio /pR/, /bR/, /tR/, /tL/, /kL/;
- o grupo /mn/, /mpt/, /st/;
- um grupo iniciado por /R/ ou /n/, a não ser que a segunda consoante deste grupo seria /t/ ou /k/.

Com esta evolução êstes tipos consonânticos aumentaram a sua freqüência: a síncope não ocorreu quando o resultado seria uma distribuição de consoantes, desconhecida no latim. As síncopes, de que trata este parágrafo 3.3.5., trouxeram outra consequência: reduziram o número de palavras proparoxítonas, transformando-as em paroxítonas.

O grupo /tL/ foi logo substituído por /kL/: diafonologização de (t) para (k) diante de (L), como se comprova pelo

Appendix Probi nº 5 uetulus non ueclus  
 6 uitulus non uiclus  
 167 capitulum non capiculum.

A síncope não se tornou efetiva em todos os casos por causa da reação das camadas mais cultas da população, como se comprova pelas formas divergentes, como macula - malha e mágoa, ou por evoluções opostas, como domina - dona, mas femina - fêmea, geminu - gêmico. "Sin embargo, el tratamiento de tal vocal era, al parecer, muy inseguro en latín vulgar, y las condiciones diferían grandemente en las diversas regiones. Había probablemente un conflicto entre la pronunciación culta y la popular, conservándose en muchos casos los dos tipos en las lenguas romances; así, mientras el mundo oficial y literario decía (h)ōmīnes ... las gentes incultas pronunciaban 'ōm'nes ... de semejante manera, al lado de sōcērum había una forma sōcrum." (Grandgent, 1952, 156-7)

#### Exemplos.

<u>Ortogr. lt.</u>	<u>Significado</u>	<u>Latim lusitânico</u>
leporem	"lebre"	/'LEpORE/ - /'LEpRE/...
liberare	"livrar"	/Lib'E'RaRE/ - /'Li'bRaRE/...
alterum	"outro"	/'alTERU/ - /'aLtRo/ ...
uetulum	"velho"	/'wEtULU/ - /'wEtLU/ - /'wEkLo/...
oculum	"olho"	/'OkULU/ - /'OkLo/ ...
dominum	"senhor"	/'dOmInU/ - /'dOmno/ ...
computare	"contar"	/kOmpU'taRE/- /kOmp'taRE/ ...
positum	"pôsto"	/'pOsItU/ - /'p0sto/ ...
uiridem	"verde"	/'wIRIdE/ - /'wIRdE/ - /'weRdE/...
generum	"genro"	/'gEnERU/ - /'gEnRo/ ...

O grupo /nR/, talvez, era desconhecido no latim, embora haja reconstituições analógicas no latim clássico: *inritus*, *inrectus*.

Estes grupos consonânticos, em geral, não se mantiveram.

### 3.4. As vogais assilábicas.

#### 3.4.1. As semivogais.

Os ditongos latinos tinham a tendência para o desaparecimento (Niedermann, 1945, 80-90), pela defonologização da semivogal. No latim ainda restavam três, /ay/, /oy/ e /aw/.

O ditongo /ay/.

/ay/ - /Ey/ - /E/: diafonologização de (a) para (E);  
defonologização de (y).

O ditongo /ay/ foi eliminado no latim lusitânico, após a perda da quantidade, quando não mais havia o contraste entre longa ser fechada e breve ser aberta.

Como o fonema /E/ não ocorria diante de (y), não havia oposição, neste ambiente, entre as vogais /a/ e /E/: nada impedia a assimilação da vogal à semivogal. Depois que se fixou a pronúncia (Ey), ocorreu a defonologização da semivogal. O ditongo /ay/ não devia ser muito frequente, a não ser na 1ª declinação, onde desapareceu com os casos que o possuíam (Maurer, 1959, 85-98).

Exemplos.

#### Ortogr.lt. Significado. Latim lusitânico.

caelum	"céu"	/'kayLU/ - /'kEyLU/ - /'kELo/...
praesto	"presto"	/'pRaysto/ - /'pREysto/ - /'pREsto/..
faeces	"fezes"	/'faykes/ - /'fEykes/ - /'fEkes/...
caecum	"cego"	/'kaykU/ - /'kEykJU/ - /'kEko/...
saepe	"sebe" arc. "sebe" = "muitas vezes".	/'saypE/ - /'sEypE/ - /'sEpE/...

A vogal /E/ se manteve, sendo atingida só na medida em que o sistema todo das vogais sofreu evolução. (5.1.3.5.7.)

O ditongo /oy/.

/oy/ - /ey/ - /e/: diafonologização de (o) para (e);  
defonologização de (y).

O ditongo /oy/ era extremamente raro em latim, pois se transformara em /u:/, desde o começo do II séc. A.C. (Niedermann, 1945, 83-5): Poenus, foedus, adj., foedus, subst., foetere, moenia e coepi, além de seus derivados. Diante de semivogal não havia oposição entre /o/ e /e/, fato que possibilitou a assimilação parcial da vogal à semivogal. Depois da diafonologização da vogal, deu-se a defonologização da semivogal.

O fonema /e/ se manteve.

## Exemplos.

<u>Ortogr.lt.</u>	<u>Signif.</u>	<u>Latim lusitânico</u>
foetere	"feder"	/foy'teRE/ - /fey'teRE/ - /fe'teRE/...
foetore	"fedor"	/foy'toRE/ - /fey'toRe/ - /fe'toRE/...
foedum	"feio"	/'foydU/ - /'feydU/ - /'feedo/ ...

O ditongo /aw/.

O ditongo /aw/ se manteve até o português arcaico (5.3.1) talvez porque viu a sua freqüência aumentada pela síncope do (I) no pretérito perfeito (3.3.5.). As formas em que o ditongo aparece substituído pela vogal /o/, se devem a empréstimos dialetais, como auricula : oricula "orelha", paupere : popere "pobre", fauce - foce "foz".

### 3.4.2. As semiconsoantes.

#### A fonemização de /w/.

##### Ambientes:

# - V; V - V; } (W) - (b) fonemização de /v/ = (b);

L - V; R - V. } (b) - (v) transfonologização.

Traços distintivos	irrelevantes
(W) assilábico, posterior, arredondado; sonoro, explosivo.	
(b) fricativo, sonoro, . . . ; explosivo, bilabial.	

O fone (W) foi substituído pelo fone (b) pela perda do traço fônico de (vocalico) posterior, pois os demais traços são correspondentes, como assilábico e fricativo, arredondado e bilabial. A evolução da semiconsoante ficou restrita aos seguintes ambientes: em início de palavra, entre duas vogais, entre a lateral e uma vogal, entre a vibrante e uma vogal. A evolução se realizou a partir do I séc. D.C. (Niedermann, 1945, 158).

O fone (b) saiu do âmbito de /w/ e se aproximou tanto de /b/ como de /f/. Não pode ser considerado alofone de /b/, porque este ocorria nos mesmos ambientes: /'bEmE/ "bem"; /'abEt/; /'aLbU/ "alvo"; /'ERba/ "erva" em comparação com /vEnIt/ "vem"; /'avE/ "ave"; /'saLvU/ "salvo"; /'sERva/ "escrava". (b) está em oposição ao /f/, porque ocorre em ambientes análogos: /'femIna/ "fêmea", /de'fesa/ "defesa".

Como o fone (b) está em oposição ao /f/ e ao /b/, forma um novo fonema, que se denominou /v/, pois inicia uma nova série de fricativas sonoras em oposição às surdas, das quais a primeira é /f/; este sofreu transfonemização, pois adquiriu mais um traço distintivo, o surdo, como consequência da fonemização da sonora. O fonema /v/, a princípio, se realizava pelo alofone (b) que depois sofreu transfonologização para (v), ao substituir o traço fônico de bilabial pelo de lábio-dental, igualando-se ao fonema /f/ no ponto de articulação, lábio-dental, como traço irrelevante.

Na fonemização de /v/ não houve confusão fonêmica nem fonemização de traço que já não fosse distintivo. Dos traços distintivos de /v/, o fricativo ocorre em /f/ e o de sonoro entre as consoantes oclusivas, que já possuíam duas séries, uma de surdas e a outra de sonoras (além das nasais).

Esquema das fricativas.

	LABIAL	NAO-LABIAL
Surdas	/f	s
Sonoras	v/	

O fonema /v/ assim se conservou até surgir o fonema /z/, quando sofreu transfonemização por receber o traço labial como distintivo. Assim permanece até hoje.

O latim clássico não revela a verdadeira distribuição da semiconsoante posterior, no latim falado em Roma; pois já havia desaparecido diante de /u:/, /u/ e /o/, menos em início de palavra, e também entre duas vogais de timbre idêntico, menos quando a segunda vogal era acentuada (Niedermann, 1945, 152 e 154-5). Por analogia conservaram-se algumas formas como uiuu "vivo" (Williams, 1961, 77), com o feminino uiua ou do verbo uiuere; mas a analogia eliminou também a semiconsoante em algumas pessoas da 1ª e 2ª conjugação, como audi de audiui e amai de amaui (Niedermann, 1945, 157).

Na evolução das palavras rio, cidade, cantei, do latim ao português, é, pois, preciso partir de riu, citate e cantai e não de riuu, ciuitate e cantaui; assim também em outras de situação idêntica.

## Exemplos.

Ortogr.lt. Significado Latim lusitânico

uaccam	"vaca"	/'wakka/	- /'vakka/ ...
uaciuum	"vazio"	/wa'kiU/	- /va'kiU/ ...
uoce	"voz"	/'wokE/	- /'vokE/ ...
lauare	"lavar"	/La'waRE/	- /La'vaRE/ ...
auenam	"aveia"	/a'wena/	- /a'vena/ ...
seruire	"servir"	/sER'wiRE/	- /sER'viRE/ ...

A defonologização da semiconsoante posterior.

(†) = zero, defonologização.

Nos demais ambientes, ocorreu a defonologização da semiconsoante posterior.

## Exemplos.

Ort.lt. SignificadoLatim lusitânico.

aquilam	"águia"	/'akwILa/	- /'akILa/ ...
aliquem	"alguém"	/'aLIkwEm/	- /'aLIKEm/ ...
quomodo	"como"	/'kwomOdo/	- /'komOdo/ ...
nunquam	"nunca"	/'nunkwa/	- /'nunka/ ...
quam	"porque" = ca, arc.	/'kwa/	- /'ka/ .
qualem	"qual" = cal, arc.	/'kwaLE/	- /'kaLE/ ...
quantum	"quanto" = canto, arc.	/'kwantU/	- /'kantU/ ...

"Sob a influência literária a semivogal foi reaparecendo a pouco e pouco em muitos daqueles vocábulos." (Nunes, 1951, 96.)

A eliminação da semivogal (y) e da semiconsoante (†) não eliminou os fonemas /y/ e /w/, pois este ocorre como semivogal nos ditongos /aw/, /ew/ e /iw/ (3.3.5. e 3.4.1.) e aquela como semiconsoante (3.3.5.).

Consequência da defonologização da semiconsoante posterior: a africada /t<sup>s</sup>/.

No § 3.1. ficou demonstrada a existência do fone (t̪) como alofone da dorsal, oclusiva, surda /k/, diante de vogais anteriores. Pela eliminação da semiconsoante posterior em formas como aquila, aliquem, quid, quem, quaerere, etc., surgiu o

fone (k), também diante das vogais anteriores. Dois fones em ambiente idêntico ou análogo pertencem a fonemas diferentes. O fone (k) é alofone do fonema /k/ diante de todas as vogais. Como o fone (t̄) está em oposição também ao fonema /t/, que também ocorre diante de vogais anteriores, como nas palavras te, titione, tenere, testa, tingere, timere, etc., ele forma um novo fonema: houve a fonemização de /t̄/.

#### Esquema antigo:

OCLUSIVAS	surdas	LABIAL	APICAL	POSTERIOR
		/p	t	k/

#### Estrutura antiga:

OCLUSIVAS	surdas	LABIAL	APICAL	FRONTAL	DORSAL
		(p	t	t̄	k)

#### Esquema, após a fonemização de /t̄/:

OCLUSIVAS	surdas	LABIAL	APICAL	FRONTAL	DORSAL
		/p	t	t̄	k/

O novo fonema frontal, oclusivo, surdo não resistiu à pressão dos vizinhos /k/ e /t/, por eliminar a margem de segurança, e /t̄/ se transformou em africada /ts/: transfonemização de frontal, oclusivo, surdo para africado, fonema não-integrado em série, que se realizava como apical surdo (ts).

#### Esquema, após a transfonemização de /t̄/ - /ts/.

OCLUSIVAS	surdas	LABIAIS	APICAIS	POSTERIORES
		/p	t	k
sonoras	b	d		g
AFRICADA		.	ts/	

A africada poderia formar par problemático com /t/ e com /s/. Que se opõe ao /t̄/, ficou demonstrado no exame da oposição entre /t/ e /t̄/. Que não é alofone de /s/, prova o par mínimo cella e sella - /'t̄ELLa/ e /'SELLa/, "cela" e "sela". O fonema /ts/ tem a sua distribuição limitada à posição diante de vogais anteriores; neste mesmo ambiente também ocorre /s/: sedere, sic, se, secretum, siccum, etc.

O lingüista que fizesse a análise sincrônica dos fonemas do latim lusitânico, provavelmente, consideraria a africada

como seqüência de dois fonemas /ts/, porque os dois membros ocorrem isolados em início de palavra e de sílaba (Bloch, 1942, 40-1) (terere e sedere). Entretanto, em linguística diacrônica, é preferível manter o fonema /ts/, africado, por duas razões:

a) No romanço lusitano, foram criados os fonemas africados /tš/ e /dž/;

b) /ts/ comportou-se como intervocálico, durante a sonorização.

Serafim da Silva Neto, discutindo o problema da época da transformação e trazendo bibliografia, afirma: "De certo, só pelo 2º e 3º séc. D.C. a pronúncia sibilada entrou nas classes cultas: na boca do vulgo, porém, já ela existia há muito tempo." (Silva Neto, 1956, 80-4.)

O fonema /ts/ teve ulterior evolução, (4.2.2. e 5.5).

#### Exemplos.

<u>Ortogr.lt.</u>	<u>Significado</u>	<u>Latim lusitânico</u>
caecum	"cego"	... /'keku/ - /'tEku/ - /'tsEko/...
caelum	"céu"	... /'kelu/ - /'teiu/ - /'tsELo/...
cito	"cedo"	/'kito/ - /'tito/ - /'tsedo/...
ciuitatem	"cidade"	/ki'tate/ - /ti'tate/- /tsi'tate/...
dicere	"dizer"	... /di'keRE/ - /di'teRE/- /di'tseRE/...
uicinum	"vizinho"	... /vi'kinu/ - /vi'tinu/- /ve'tsino/..
falcem	"foice"	/'falke/ - /'faLte/ - /'faLtse/...
mercedem	"mercê"	/mER'kedE/- /mER'tedE/- /mER tsedE/..
coquere	"cozer"	... /k0'keRE/ - /k0'teRE/ - /k0'tseRE/..
coquinam	"cozinha"	... /k0'kina/ - /k0'tina/ - /k0'tsina/...

Os dois primeiros exemplos evidenciam que a evolução do ditongo /ay/ foi anterior à síncope de (W), pois o fonema /k/ se realizava pelo alofone frontal (t); as duas últimas palavras haviam perdido a semiconsoante já no latim de Roma.

A fonemização de /t/ evitou a confusão fonêmica entre /k/ e /kw/, diante das vogais anteriores. Mas o fonema /k/ não tinha outro alofone, diante de vogal baixa ou das posteriores, para fugir à confusão fonêmica; como a sua realização nestes ambientes era sempre dorsal, a evolução pode trazer conflito homônimo.

A diafonologização de (d̄) - (ŷ).

O fonema /g/ tinha o alofone (d̄), diante de vogais anteriores (3.1.). Este alofone não sofreu fonemização, porque a seqüência /gw/ (ou fonema /gʷ/ do latim arcaico) fôia substituído por /w/ em início de palavra e em posição intervocálica (Niedermann, 1945, 124-5); as formas em que /gw/ do latim está precedido de consoante, não parecem ter passado para o português (*distinguere*, *extinguere*, *languere*); contudo há uma palavra, sanguinem, em que o fonema /g/ se conservou no português sangue /'sãgi/, após a síncope da semiconsoante.

O alofone (d̄), depois que seu par, (t̄), evoluiu para fonema africado, não permaneceu isolado em sua posição na estrutura: sofreu diafonologização para a vogal assilábica, anterior /y/, do mesmo ponto de articulação, realizando-se como semiconsoante (ŷ). "Hacia el siglo IV la g... se abrió en y, tanto el latín popular como en el eclesiástico." (Grandgent, 1952, 170.)

Esta evolução trouxe notável aumento de freqüência da vogal assilábica anterior; a evolução foi perfeitamente possível, porque, provavelmente, não trouxe nenhum conflito homônimo: a vogal assilábica anterior, com raríssimas exceções, não ocorria diante de vogal anterior e o fone (d̄) só ocorria diante de vogais anteriores. Após a diafonologização da frontal oclusiva, o fonema /y/ se distribui diante de todas as vogais. Formas herdadas do latim:iam, maiorem, peiorem, cuius(s), maium, maiestatem, além de outras em 3.3.4. A semiconsoante (ŷ) teve posterior evolução, (4.4.2).

Exemplos.

Ortogr.lt.    Significado    Latim lusitânico.

gelare	"gear"	- /gE'LaRE/	- /yE'LaRE/...
gentem	"gente"	- /'gEntE/	- /'yEntE/...
reginam	"rainha"	- /Re'gina/	- /Re'yina/...
digitum	"dedo"	- /'dIgItU/	- /'deyedo/ ...
legere	"ler"    ...	- /LE'geRE/	- /LE'yER/ ...
legem	"lei"	- /'LegE/	- /'LeyE/ ...
angelum	"anjo"	- /'angELU/	- /'anyELo/...
longe	"longe"	- /'LOnge/	- /'LOnye/ ...
marginem	"margem"	- /'maRgInE/	- /'maRyenE/ ...
sagittam	"seta"	- /sa'gItta/	- /sa'yetta/...

A diafonologização das seqüências /ty/ e /ky/.

Após a síncope da vogal (I) seguida da semiconsoante (<sup>†</sup>y) (3.3.5.) e da diafonologização de (E) para (<sup>†</sup>y) (3.3.4), surgiram as seqüências /ty/ e /ky/ (além de outras).

O fonema /ts/ ocorria, únicamente, diante de vogais anteriores e as seqüências /ty/ e /ky/ diante de vogal baixa e diante de vogais posteriores, de sorte que não havia oposição entre a seqüência /ty/ ou /ky/ e o fonema /ts/, a não ser em pouquíssimas palavras como faciem "face" que não foram obstáculo à evolução: faciem ... /'fakyE/ - /'fat<sup>s</sup>E/ - port. arc. faz ; facit = facet, hipotético, ... /'fakEt/ - /'fat<sup>t</sup>Et/ - /'fat<sup>s</sup>E/, após a apócope de /t/, "faz".

Mesmo da confluência de /ty/ e /ky/ em /ts/ não parece ter surgido conflito homônimo.

A seqüência /dy/, quando precedida de consoante ou semivogal, acompanhou a mesma evolução. Não era muito frequente, neste ambiente, e se realizou como africada sem conflito homônimo.

Exemplos.

<u>Ortogr.lt.</u>	<u>Significado</u>	<u>Latin lusitânico.</u>
rationem	"razão"	... /Ra'tyonE/ - /Ra'tsonE/ ...
linteum	"lenço"	... /'Lentyo/ - /'Lentso/ ...
linteolum	"lençol"	... /Len'tyoLo/ - /Len'tsolo/ ...
tristitiam	"tristeza"	... /tRis'tetya/ - /tRis'tet <sup>s</sup> a/ ...
uitium	"vêzo"	... /'vetyo/ - /'vet <sup>s</sup> o/ ...
pretiare	"prezar"	... /pRE'tyare/ - /pRE't <sup>s</sup> are/ ...
fiduciam	"fiúza"	... /fi'dukya/ - /fi'dut <sup>s</sup> a/ ...
lanceare	"lançar"	... /Lan'kyaRE/ - /Lan'tsare/ ...
bracchium	"braço"	... /'bRak <sup>t</sup> yo/ - /'bRakt <sup>s</sup> o/ ...
fortia	"fôrça"	... /'f0Rtya/ - /'f0Rt <sup>s</sup> a/...
audio	"ouço"	... /'awdyo/ - /'awt <sup>s</sup> o/ ...
ardeo	"arço" arc.	... /'ardyo/ - /'aRt <sup>s</sup> o/ ...
uiridia	"verça" arc.	... /'v <sup>c</sup> Rdyo/ - /'veRt <sup>s</sup> a/ ...

Da seqüência /gy/, precedida de consoante, não há formas convincentes, a não ser o empréstimo spongia - port. esponja.

As formas que têm ch em correspondência a sti do latim, são empréstimos do galego (Williams, 1961, 90.).

### 3.5. O enfraquecimento das oclusivas sonoras.

As oclusivas sonoras enfraqueceram-se nos ambientes mais propícios ao enfraquecimento, i.e quando estavam situadas entre dois fonemas de grande abertura: entre duas vogais ou entre uma vogal e uma semiconsoante.

#### 3.5.1. A diafonologização da labial oclusiva.

Ambiente:

V-V; V-A: (b) - (ɸ) transfonologização;  
(ɸ) - (v) diafonologização.

O alofone (b), situado entre duas vogais ou entre uma vogal e uma semiconsoante, enfraqueceu-se passando a labial, fricativo: transfonologização porque o fone bilabial se opõe ao lábio-dental (v) que também ocorria entre duas vogais, (3.4.2.). A seguir, o fone bilabial, fricativo foi substituído pelo lábio-dental, fricativo (v): houve diafonologização porque penetrou no âmbito do fonema /v/, apesar de causar confusão fonêmica.

"Transforma-se em um b fricativo e depois em v quando intervocálico, talvez desde o fim da República ... Neste tratamento de -b- os documentos latinos estão de acordo com o testemunho das línguas românicas, indicando o uso de v por b, pelo menos desde o século II, e também de b por v, o que evindencia a igualdade de pronúncia das duas letras. Assim temos freqüentemente em inscrições iuvente por iubente, incomparaveli por incomparabili... Notem-se também as correções do Appendix Probi: tabes non tavis (nº 93)..." (Maurer, 1959, 33.)

Exemplos.

<u>Ortogr.lt.</u>	<u>Significado</u>	<u>Latim lusitânico</u>
habere	"haver"	- /a'beRE/ - /a'veRE/ ...
trabem	"trave"	- /'tRaBE/ - /'tRaVE/ ...
fabam	"fava"	- /'faba/ - /'fava/.
caballum	"cavalo"	/ka'ballU/ - /ka'valLo/...
mirabilia	"maravilha"	- /miRa'billa/ - /miRa'viLya/ ...
rabiem	"raiva"	- /'Rabiya/ - /'Rabya/ - /'Ravya/..
rubeum	"ruivo"	- /'RUBEU/ - /'Robyo/ - /'Rovyo/...
gubiam	"goiva"	- /'gUbIya/ - /'gobya/ - /'govya/...

### 3.5.2. A defonologização da apical oclusiva.

Ambientes: V - V; V - A: d = zero , defonologização.

Entre duas vogais, ou entre uma vogal e uma semiconsoante, o alofone (d) enfraqueceu-se tanto que desapareceu. A defonologização da apical foi possível porque, pela eliminação quase total dos hiatos no latim (3.3.4), não havia conflitos entre VCV e VV.

#### Exemplos.

<u>Ortogr.lt.</u>	<u>Significado</u>	<u>Latim lusitânico</u>
uidere	"ver"	.. /veðeRE/ - /veðRE/ ...
pedem	"pé"	/pEdE/ - /'pEE/ ...
sedere	"ser"	/sE'deRE/ - /sE'eRE/ ...
medicinam	"mezinha"	... /mEd ɛ'zina/- /mEe'tsina/ ...
gradum	"grau"	... /'gRado/ - /'gRao/ ...
hodie	"hoje"	... /'OdyE/ - /'OyE/ ...
radium	"raio"	... /'Radyo/ - /'Rayo/ ...
medium	"meio"	... /'mEdyo/ - /'mEyo/ ...
uideam	"veja"	... /'vedya/ - /'veya/ ...

### 3.5.3. A diafonologização da dorsal oclusiva.

Ambiente: V - V; V - A: g = ſ̄, diafonologização.

Entre duas vogais, ou entre uma vogal e uma semiconsoante, o alofone (g) sofreu diafonologização para (ſ̄). Tomou o mesmo caminho tomado pelo alofone (d), sem provocar confusão fonêmica porque este ocorria diante de vogais anteriores e aquêle diante de vogal baixa ou diante de vogais posteriores (3.4.2.). Não causou confusão fonêmica com (ſ̄) proveniente da síncope de (I) (3.3.5) e da diafonologização de (E) para (ſ̄) (3.3.4.), porque nestes casos a semiconsoante era precedida de consoante ea diafonologização de (g) colocou a semiconsoante entre vogais ou diante de vogal assilábica, anterior, caso em que sofreu defonologização. Mas teve confluência fonêmica com a semiconsoante intervocálica em palavras herdadas do latim e em palavras que sofreram síncope de (d) (3.5.2.), porque nem umas nem outras eram muito numerosas.

"Aquelhas palavras em que o -g'- se conserva foram introduzidas na língua em época provavelmente muito posterior,

na sua maioria decerto por via erudita ..." Nunes, 1951, 105.) O mesmo vale para o dorsal oclusiva ou se mantém a teoria que (g) se conserva em posição anterior ao acento vocabular. "A dissolução do -g'- em -i- parece confirmada por antigas grafias castelhanas..."(Nunes, 1951, 101.)

### Exemplos.

<u>Ortogr. lat.</u>	<u>Significado</u>	<u>Latim lusitânico</u>
sagum	"saio"	... /'sago/ - /'sayo/ ...
legalem	"leal"	/Le'gaLE/ - /Le'yaLE/ ...
regalem	"real"	/Re'gALE/ - /Re'yaLE/ ...
rugam	"rua"	/'Ruga/ - /'Ruya/ ...
litigare	"litar"	/Lite'gaRE/ - /Lite'yaRE/ ...
strigam	"estria"	/'stRiga/ - /'stRiya/ ...
ligare	"liar"	... /Le'gaRE/ - /Le'yaRE/ ...

### 3.6. A ocupação da 3ª casa.

#### 3.6.1. A fonemização da nasal, posterior.

Pela diafonologização de (E) para (ŷ) (3.3.4.) e pela síncope de (I) diante de (ŷ) (3.3.5.), entre outras surgiu a seqüência /ny/ que por fonemização para /ň/ preencheu a 3ª casa na série das nasais. /ň/ se comprova como fonema em relação a /n/, pois ambos ocorriam entre vogais. Ex.: pinum "pinho" /'pino/ : pineam "pinha" /'piňa/.

### Exemplos.

<u>Ortogr. lt.</u>	<u>Significado</u>	<u>Latim lusitânico</u>
araneam	"aranha" ... /a'Ranya/ - /a'Raňa/...	
lineam	"linha" ... /'Linya/ - /'Liňa/ ...	
ciconeam	"cegonha" ... /t <sup>s</sup> e'konya/ - /t <sup>s</sup> e'koňa/ ...	
teneo	"tenho" ... /'tEnyo/ - /'tEňo/ ...	
uineam	"vinha" ... /'vinya/ - /'viňa/.	
seniorem	"senhor" ... /sE'nyoRE/ - /sE'ňoRE/ ...	
ingenium	"engenho" ... /en'yEnyo/ - /en'yEňo/ ...	

Quando /n.y/ pertenciam a sílabas diferentes, não formavam seqüência e não passaram a /ň/.

O fonema /ň/ se manteve até os nossos dias.

### 3.6.2. A integração da lateral.

O fonema /L/ era um fonema não-integrado em série e, pelo seu grande campo de dispersão, podia ocupar todas as ordens, em latim; mas, provavelmente, (<sup>‡</sup>L) passou a apical (<sup>‡</sup>I), por transfonologização, enquanto o implosivo se mantinha dorsal (<sup>+</sup>L), conforme parecem indicar as descrições dos gramáticos, pelo menos desde Plínio (Faria, 1955, 76-8.). Como é esta também a situação no português, o fonema lateral será representado pelo apical /l/.

A seqüência /ly/, originária da diafonologização de (E) para (<sup>‡</sup>y) (3.3.4.) e da síncope de (I) diante de (<sup>‡</sup>y) (3.3.5.), sofreu fonemização ao constituir o fonema /l/. A existência deste fonema se comprova pelos pares mínimos palam "pá" e paleam "palha", /'pala/ : /'pala/, filum "fio" e filium "filho", /'filo/ : /'filo/ .

Pela fonemização do traço fônico posterior em oposição a não-posterior, a língua enriqueceu-se de mais um fonema que fez a lateral integrar-se numa série que ocupa duas casas. O fonema /l/ se manteve até a época atual.

#### Exemplos.

##### Ortogr. lt.    Significado    Latim lusitânico.

mulierem	"mulher" ... /mo'lyERE/	- /mo'liERE/ ...
ualeam	"valha" ... /'valya/	- /'vala/ .
malleum	"malho" ... /'mallyo/	- /'mallo/ ...
alienum	"alheio" ... /a'lyeno/	- /a'leno/ ...
milia	"milha" ... /'milya/	- /'mila/ .
soleam	"solha" ... /'solya/	- /'solia/ ...

### 3.6.3. A fonologização da fricativa, frontal.

A apical, fricativa, surda, quando precedida de vogal e seguida da semiconsoante anterior, passou a frontal (Grandgent, 1952, 173.): fonologização do traço fônico frontal como alofone de fricativo /s/. (š) é alofone porque ocorre entre uma vogal<sup>e</sup>a semivogal anterior, únicamente, onde (s) não ocorria.

(š) sofreu posterior evolução.

## Exemplos.

<u>Ortogr. lt.</u>	<u>Significado</u>	<u>Latim lusitânico.</u>
basium	"beijo"	... /'basyo/ = ('bašyo) ...
caseum	"queijo"	... /'kasyo/ = ('kašyo) ...
ecclesiam	"igreja"	... /Ek'klesya/ = (Ek'kl išya) ...

3.7. As consoantes implosivas.

O português possui apenas três consoantes que podem ocorrer como implosivas, o /l/, o /r/ e o /s/ (Camara Jr., 1953, 72-5 e 110-3). A distribuição das consoantes latinas é mais ampla. A eliminação dos alofones implosivos obedece à antiga tendência, pelo menos desde o latim arcaico, como se comprova pelo tratamento dado à consoante implosiva, que se mostra, com poucas exceções, mais fraca assimilando-se à seguinte. Exemplos: agere mas actus; nubere mas nupsi; + sopnos - somnus; opifina - officina; + concutsi - concussi; + petna - penna; submoueo - summoueo; + adrego - arrigo; adloquor - alloquor; inrigo - irrigo; + quidpe - quippe; + disfero - differo; + eudem - eundem. (Niedermann, 1945, 181- 212.)

(p̪).

V - t; V - s : (p̪) = (t̪) ; (s̪) , diafonologização.

C - C : (p̪) = zero , defonologização.

O alofone implosivo do fonema /p/ ocorria, únicamente, diante de /t/, onde sofreu diafonologização para (t̪) e diante de /s/, onde sofreu diafonologização para (s̪). Neste caso, parece difícil admitir uma evolução fonológica gradual:

p	-	t
;	-	;
f	-	s

Um grupo /fs/ era completamente estranho ao latim; um grupo /ts/ não teria dado /t̪s/?

Quando ao alofone (p̪) precedia uma consoante, houve defonologização do alofone.

A letra b que o latim clássico registra diante de t e s, representava o alofone, surdo, implosivo, labial (p̪) (Niedermann, 1945, 183).

As consoantes geminadas tiveram posterior evolução,  
(4.2.3).

## Exemplos.

<u>Ortogr. lt.</u>	<u>Significado</u>	<u>Latim lusitânico.</u>	
aptare	"atar"	/a.'taRE/	- /at'taRE/ ...
ruptum	"roto"	... /'Ropto/	- /'Rotto/ ...
septem	"sete"	/'sEptE/	- /'sEtE/ ...
inceptare	"encetar"	... /ent'sEp'taRE/	- /ent'sEt'tARE/ ...
subterrare	"soterrar"	... /sopter'RaRE/	- /sotter'RARE/ ...
ipse	"ésser"	... /'epsE/	- /'essE/ ...
gypsum	"gesso"	... /'yepso/	- /'yesso/ ...
abscondere	"esconder"	... /apskOn'deRE/	- /asskOn'deRE/ ...
promptum	"pronto"	... /'pRompto/	- /'pRomto/ ...
computare	"contar"	... /k0mp'taRE/	- /k0m'taRE/ ...

Os vocábulos semi-ortográficos, introduzidos em época posterior, vocalizaram o (p) - praceptu - preceito; baptizare-bautizar, capsu - caixa, capsu - queixo (Nunes, 1951,123-5).

## (t)

(t) ocorria, únicamente, como final de palavra, onde sofreu defonologização.

## Exemplos.

<u>Ortogr. lt.</u>	<u>Significado</u>	<u>Latim lusitânico</u>	
et	"e"	/'Et/	- /'E/...
aut	"ou"	/'awt/	- /'aw/ ...
caput	"cabo"	/'kapUf/	- /'kapo/ ...
debet	"deve"	/'debEt/	- /'devE/ ...
debent	"devem"	/'debEnt/	- /'devEn/ ...

## (k)

(k) , como final de palavra, sofreu defonologização, como medial conservou-se no latim lusitânico.

## Exemplos.

<u>Ortogr. lt.</u>	<u>Significado</u>	<u>Latim lusitânico</u>	
nec	"nem"	/nEk/	- /'nE/...
sic	"sim"	/'sik/	- /'si/...
dic	"dize"	/'dik/	- /'di/ arc.

(b)

(b) ocorria, sómente, na palavra sub e em compostas cujo segundo elemento iniciava por semiconsoante. Sofreu defonologização.

Exemplos.

Ortogr.lt. Significado Latim lusitânico

sub "sob" .../'sob/ - /'so/ arc.

subvertere "subverter!./sobVER'teRE/ - /sovER'teRE/ -

soverter, arc.

No último exemplo, ou a queda de (b) foi anterior à fonemização de /v/ ou a semiconsoante (W) se conservou por analogia ao verbo simples.

(d)

(d) ocorria como final de palavra e como medial diante da semiconsoante (W), em palavras compostas. Sofreu defonologização.

Exemplos.

Ortogr.lt. Significado Latim lusitânico

ad "a" prep. /'ad/ - /'a/.

aduersum "avesso" .../ad'wERso/ - /a'vERso/ ...

aduocare "avogar" .../ad'wOkaRE/ - /a'vOkaRE/ ...

A queda do (d) parece ser mais antiga do que a fonemização de /v/.

(g)

(g) não ocorria como final de palavra e medial conservou-se no latim lusitânico.

(f)

(f) apenas ocorria quando geminado.

(s)

(s) conservou-se em todas as posições, quer final, quer medial. O fonema /s/ era a única das consoantes que podia ocorrer como inicial de palavra, diante de oclusiva. Nesta posição se realizava como (s) que sofreu transfonologização para

(s), que funcionou como soante até que desenvolveu a vogal (I), por fonologização, para centro silábico.

Exemplos.

<u>Ortogr.lt.</u>	<u>Significado</u>	<u>Latim lusitânico</u>
scriptum	"escrito"	/'skRiptU/ - /s'kRittU/ - /Is'kRittU/
spicam	"espiga"	/'spika/ - /s'pika/ - /Is'pika/ ...
strictum	"estreito"	/'stRIktU/- /s'tRIktU/ - /Is'tRIktU/..
sponsum	"espôso"	/'sp0sU/ - /s'p0sU/ - /Is'p0sU/ ...
speculum	"espelho"	/'spEku1U/- /s'pEklU/- /Is'pEklU/...

As consoantes nasais.

As consoantes nasais (m) e (n) se conservaram no latim lusitânico.

É de se notar que (m), final de palavra de mais de uma sílaba, já havia desaparecido no latim.

A lateral.

A lateral (L) sofreu diafonologização para (w), quando precedida de vogal baixa e seguida de oclusiva surda, para (y), quando precedida de vogal posterior e seguida de apical, oclusiva, surda. Esta evolução é tão antiga que não se encontra nos topônimos e antropônimos germânicos, nem nos empréstimos árabes (Williams, 1999). Nos demais ambientes, conservou-se.

Exemplos.

<u>Ortogr. lt.</u>	<u>Significado</u>	<u>Latim lusitânico</u>
altarium	"outeiro"	.../al'taRyo/ - /aw'taRyo/ ...
talpariam	"toupeira"	.../tal'paRya/ - /taw'paRya/ ...
palpare	"poupar"	/pal'paRE/ - /paw'paRE/ ...
alterum	"outro"	.../'altRo/ - /'awtRo/ ...
saltum	"souto"	.../'salto/ - /'sawto/ ...
calcem	"coice"	.../'kaltSE/ - /'kawtSE/ ...
falcem	"foice"	.../'faltSE/ - /'fawtSE/ ...
multum	"muito"	.../'molto/ - /'moyto/ ...
auscultare	"escutar"	.../askol'taRE/- /askoy'taRE/ ...
culmen	"cume"	.../'kolmE/ - /'koymE/ ...

"A existência de formas com l ao lado de outras com esta consoante vocalizada resulta da pressão da língua culta sobre a popular, ..." (Nunes, 1951, 128).

A vibrante.

(R) como medial de palavra conservou-se, a não ser diante de /s/, onde sofreu diafonologização para (§); em posição final de palavra sofreu transfonologização para (R), com mudança de distribuição para posição anterior à vogal.

Exemplos.

<u>Ortogr.lt.</u>	<u>Significado</u>	<u>Latim lusitânico</u>	
aduersum	"avesso"	.../əwERSU/	- /a'vEsso/ ...
personam	"pessoa"	/pER'sona/	- /pEs'sona/ ...
persicum	"pêssego"	/'pERsIKU/	- /'pEsseko/ ...
inter	"entre"	/'IntER/	- /'entRE/ ...
semper	"sempre"	/'sEmPER/	- /'sEmpRE/ ...
super	"sobre"	/'sUpER/	- /'sopRE/ ...

"A preposição pro se tornou + por em latim vulgar...

O r de +por e o r de per nunca foram realmente finais em latim vulgar ou em português, pela posição regularmente proclíctica dessas palavras." (Williams, 1961, 102.)

Obs. O § 3.7. não trata dos alofones implosivos que faziam parte das geminadas; neste ambiente, conservaram-se no latim lusitânico e sofreram evolução no romanço....

### 3.8. O esquema fonêmico das consoantes do latim lusitânico.

Com as evoluções que ocorreram no latim lusitânico, surgiu o seguinte esquema de consoantes:

		LABIAIS	APICAIS	POSTERIORES
OCLUSIVAS	surdas	/p	t	k
	sonoras	b	d	g
<u>AFPIGADA</u>		t <sup>s</sup>		
FRICATIVAS	surda	f	s	
	sonora	v		
<u>NASAIS</u>		m	n	ñ
<u>LATERIAIS</u>			l	ł
<u>VIBRANTE</u>				R

Estrutura fonológica das consoantes do latim lusitânico.

		LABIAIS		APICAIS	POSTERIORES	
		Bilab.	L-dent.		Front.	Dors.
OCLUSIVAS	surdas	(p		t		k
	sonoras	b		d		g
AFRICADA	surda			t <sup>s</sup>		
FRICATIVAS	surdas		f	s	š	
	sonoras		v			
NASAIS	sonoras	m		n	ň	N
LATERAIS	sonoras			l	ł	L
VIBRANTE	sonora					R)

#### 4. O sistema fonêmico do romanço galego-português.

##### 4.1. A integração da africada.

- (kl) (fl) (pl) (gl) ; ambientes: todos; exc. (gl)  
 (k̄l) (f̄l) (p̄l) (ḡl) : diafonologização de (l) - (l̄);  
 (kt̄) (ft̄) (pt̄) -- : transfonologização de (l̄) - (t̄);  
 (t̄) (t̄) (t̄) (l̄) : defonologização do primeiro membro e  
 /t̄/ /t̄/ /t̄/ -- : fonemização de (t̄) - /t̄/;  
 /t̄s/ /t̄ʃ/ /t̄s/ -- : transfonemização de /t̄/ - /t̄s/.

(l), na seqüência (kl), aproximou a sua articulação à do fone precedente; quando precedido de (f), (p), (Camara Jr., 1959, 295.) e (g), este apenas quando medial de palavra, tomou o mesmo caminho: o alofone (l) sofreu diafonologização para (l̄), evolução que foi possível porque, neste ambiente, não havia oposição entre os dois fones; a distribuição de /l/ era entre vogais ou entre a apical, lateral e uma vogal. Quando o alofone (l) estava precedido de consoante surda, assimilou-se parcialmente a esta, sem qualquer confusão fonêmica: sofreu transfonologização para (t̄), que continua como alofone de /l̄/ após consoante surda, onde (l̄) não ocorria. Como não havia oposição entre a seqüência e o alofone (t̄), a articulação da consoante surda, desnecessária à economia da língua, deixou de ser realizada: defonologização das consoantes surdas neste ambiente. Após a defonologização de (g) diante de (l̄), houve a fonemização de /t̄/, pois os dois fones, (t̄) e (l̄), ocorrem no mesmo ambiente, como se comprova pelas palavras maculam "mancha" e ungulam "unha" - /'mankūla/ - /'mankla/ - /'mankl̄a/ - /'mant̄a/ : /'UngUla/ - /'ongla/ - /'ongl̄a/ - /'onla/.

O novo fonema, /t̄/, sofreu pressão dos seus vizinhos do esquema (3.4.2.); como tinha à sua frente uma casa vazia, veio a ocupá-la por transfonemização para /t̄s/, com os traços distintivos de posterior e africado, integrando, assim o fonema /t̄s/ numa série de duas casas.

Conflito homônimo, que pode ter aparecido, pela confluência fonêmica de /kl/, /fl/ e /pl/ em /t̄s/ e de /gl/ com /l̄/, não foi impedimento à evolução.

A seqüência (gl), inicial de palavra, sofreu defonologização da 1ª consoante, como também as seqüências (k̄l) e (p̄l) quando intervocálicos. Nem estas confluências fonêmicas foram obstáculo à evolução.

A seqüência (d1) não ocorria em latim (Niedermann, 1945, 197) nem medial nem inicial de palavra.

Nenhuma palavra com a seqüência (b1) parece ter passado, diretamente, do latim para o galego-português. Trilho do latim tribulum é empréstimo do espanhol (Williams, 1961, 96).

### Exemplos.

/kl/, /pl/, (gl) - /ʎ/.

#### Ortogr.lt. Significado Romanço galego-português.

graculum	"gralho" ... /'gRaklo/ - /'gRaklo/ - /'gRalo/...
apiculam	"abelha" ... /a'pekla/ - /a'pekla/ - /a'peña/...
oculum	"olho" ... /'Oklo/ - /'Oklo/ - /'Ollo/...
speculum	"espelho" ... /es'pEklo/ - /es'pEklo/ - /es'pElo/...
uetulum	"velho" ... /'vEklo/ - /'vEklo/ - /'vElo/.
scopulum	"escolho" ... /es'k0plo/ - /es'k0plo/ - /es'k0lo/...
tegulam	"telha" ... /'tegla/ - /'tegla/ - /'telha/.
coagulum	"coalho" ... /k0'aglo/ - /k0'aglo/ - /ko'alo/...
tragulam	"tralha" ... /'tRagla/ - /'tRagla/ - /'tRala/...
ungulam	"unha" ... /'ongla/ - /'ongla/ - /'onla/...
cingula	"cinlha" arc... /t <sup>s</sup> ingla/ - /t <sup>s</sup> ingla/ - /t <sup>s</sup> inla/...
singulos	"senhos" arc... /'sEnglos/ - /'sEnglos/ - /'sEnlos/...

(gl) - /ʎ/.

glattire	"latir" /lat'tiRE/ - /lat'tiRE/...
glandem	"lande" /'glandE/ - /'landE/ ...
glaream	"leira" ... /'glaRya/ - /'laRya/ ...
globellum	"novelo" /glo'vello/ - /lo'vello/...

/kʎ/, /plʎ/, /fʎ/ - /ʎ/ - /tʎ/.

clamare "chamar";	clauem "chave";	flammam "chama";
flagrare "cheirar";	Flaulis "Chaves";	plantare "cantar";
plenum "cheio";	plorare "chorar";	sarculum "sacho";
masculum "macho";	implere "encher";	amplum "ancho";
afflare "achar";	inflare "inchar".	
... /kla'maRE/ - /kʎa'maRE/ - /ta'maRE/ - /tʎa'maRE/...		
... /'klavE/ - /'kʎavE/ - /'tavE/ - /'tʎavE/ ...		
... /'flamma/ - /'fʎamma/ - /'tamma/ - /'tʎamma/ ...		
... /flaɡ'RaRE/ - /fʎaɡ'RaRE/ - /tag'RaRE/ - /tʎag'RaRE/..		
... /'flaves/ - /'fʎaves/ - /'taves/ - /'tʎaves/ ...		

.../plan'taRE/	- /plān'taRE/	- /tān'taRE/	- /tšān'taRE/..
.../plen'o/	- /plēno/	- /tēno/	- /tšēno/...
.../plo'RaRE/	- /plō'RaRE/	- /tō'RaRE/	- /tšō'RaRE/...
.../'saRklo/	- /'saRklo/	- /'saRtō/	- /'saRtšo/...
.../'masklo/	- /'masklo/	- /masto/	- /mastšo/...
.../em'pleRE/	- /em'pleRE/	- /em'tēRE/	- /em'tšēRE/..
.../'ampl'o/	- /'ampl'o/	- /amtō/	- /amtšo/ ...
.../af'flaRE/	- /af'flaRE/	- /af'tāRE/	- /af'tšaRE/..
.../en'flaRE/	- /en'flaRE/	- /en'tāRE/	- /en'tšaRE/..

/tš/ se comprova como fonema, diante de /ts/, porque ambos ocorrem em início de palavra. Não é seqüência de dois fones /tš/, porque o segundo membro não ocorre isolado como fonema, apenas como alofone de /s/.

Estas seqüências foram restauradas em português por préditos eruditos. Aquelas palavras que, nestas seqüências, têm o (l) substituído por (r), entraram por via erudita (Nunes, 1951, 120) ou são empréstimos do moçárabe, dialeto em que (kl-), (pl-), (fl-) passaram a (kr-), (pr-), (fr-) (Guérios, 1956, 149). "Não estará aí, num antagonismo entre o Norte e o Sul, a explicação de muitas daquelas divergências?" (Silva Neto, 1956, 106.) Compare-se flor, chor e fror, "flor". Mas o moçárabe não pode explicar palavras como segral de sae-culare, jogral de ioculare, igreja de ecclesia, segre de sae-culu, porque /k/ não se sonoriza neste dialeto (Guérios, 1956, 148).

O fonema /tš/ teve posterior evolução, (5.5.).

#### 4.2. O enfraquecimento das consoantes oclusivas, africadas e fricativas.

##### 4.2.1. As sonoras.

As consoantes oclusivas, sonoras, que já haviam evoluído em posição intervocálica e entre uma vogal e uma semiconsoante, passam a sofrer o mesmo enfraquecimento entre uma vogal e uma vibrante. (Cp. 3.5.)

A labial (b) sofre diafonologização para (v) ainda em outros ambientes: entre uma lateral e uma vogal e entre a vibrante e uma vogal.

Para a seqüência (dh) não há muitos exemplos; as palavras corenta arc. de quadraginta e coresma de quadragesima arc.

apresentam a defonologização de (d), o que era normalmente de esperar. A ausência de distribuição da apical, oclusiva, sonora, neste ambiente, se explica pela fonologia histórica do latim (Niedermann, 1945, 195-6). O empréstimo do grego, cathedra, não teria sido substituído por + categra, como uetlu por ueclu?

No grupo (gR), medial de palavra, o (g) era implosivo no latim lusitânico, enquanto no latim clássico e no latim imperial, em geral, passou a explosivo; o latim lusitânico conservou um arcaísmo de pronúncia do latim arcaico (Maurer, 1959, 70). A evolução do (g) será estudada no parágrafo das consoantes implosivas.

"As palavras em que o grupo gr perdurou inalterado... são semieruditias ou empréstimos de outras línguas." (Williams 1961, 88.)

#### Exemplos.

##### Ortogr.lt. Significado Romântico galego-português.

tenebras	"trevas"	... /'tEneBRA/	- /'tEnEvRA/ ...
arborem	"árvore"	... /'aRbORE/	- /'aRvORE/ ...
carbonem	"carvão"	... /kaR'bonE/	- /kaR'venE/ ...
febrim	"febre"	... /'fEbRE/	- /'fEvRE/ ... arc.
album	"alvo"	... /'albo/	- /'alvo/ ... semi-erud.
alborem	"alvor"	... /al'boRE/	- /al'veRE/ ... semi-erud.

Nos demais ambientes, conservaram-se as sonoras: breue-breve; bonu - bom; bene - bem; bucca - bôca; baca - baga; dare - dar; dece - dez; dicere - dizer; donare - doar; dracone - dragão; gurdu - gordo, grande - grande; uendere - vender; gustu - gôsto; organu - órgão; gutita - gôta; gotu - gôdo.

#### 4.2.2. As surdas.

Nos ambientes propícios ao enfraquecimento haviam desaparecido as oclusivas sonoras; portanto, neste ambiente, não havia oposição entre oclusivas sonoras e surdas. Entre as consoantes africadas não havia, em ambiente algum, oposição entre sonoras e surdas. Entre as fricativas, havia oposição entre labial sonora e labial surda, mas tal oposição não existia na ordem apical.

Distribuição em ambiente propício ao enfraquecimento.

		Bilab.	L-dent.	Apical	Frontal	Dorsal
OCLUSIVAS	surdas	(p	-	t	-	k
	sonoras	-	-	-	-	-
AFRICADAS	surdas	-	-	t <sup>s</sup>	-	-
	sonoras	-	-	-	-	-
FRICATIVAS	surdas	-	f	s	š	-
	sonoras	-	v)	-	-	-

A distribuição do fonema /f/, neste ambiente, era de freqüência muito reduzida; ocorria em empréstimos e em antigos compostos do latim, como aurifícem, pontíficem, confidere, etc. Porém muitas destas formas não se conservaram no latim lusitânico. Todas as consoantes surdas, neste ambiente, foram substituídas pelas sonoras correspondentes, inclusive a labiodental, fricativa.

(p), (t), (k) e (f) passaram a (b), (d), (g) e (v), respectivamente, entrando no âmbito de fonemas já existentes: diafonologização. O fonema /t<sup>s</sup>/ obteve um novo alofone por transfonologização de (t<sup>s</sup>) a (d<sup>Z</sup>), em ambiente propício ao enfraquecimento. (t<sup>s</sup>) e (d<sup>Z</sup>) são alofones do mesmo fonema /t<sup>s</sup>/, porque este ocorre unicamente em ambiente propício ao enfraquecimento, onde aquêle jamais se manifesta. O fonema /s/ obteve dois novos alofones: (z) em ambiente propício ao enfraquecimento, menos diante de semiconsoante anterior; (ž) diante de semiconsoante anterior; (s) se conservava nos demais ambientes.

O fonema /tš/ não ocorria neste ambiente.

O alofone (p) não seguiu o alofone (b) em seus ambientes especiais de enfraquecimento.

O fonema /s/ tinha um ambiente especial de enfraquecimento: entre uma semi-vogal e uma vogal.

Em alguma região, a sonorização atingiu também o (k-) e algumas destas formas dialetais passaram ao português: cattu - gato; camella - gamela; crate - grade; creta - greda, quiritare - gritar.

Os alofones (d<sup>Z</sup>) e (ž) têm posterior evolução.

## Exemplos.

<u>Ortogr.lt.</u>	<u>Significado</u>	<u>Romanço galego-português.</u>
apiculam	"abelha"	... /a'pelā/ - /a'bela/.
saporem	"sabor"	... /sa'poRE/ - /sa'bore/...
caepullam	"cebola"	... /t <sup>s</sup> Epolla/- /tsE'bolla/...
lupum	"lōbo"	... /'lopo/ - /'lobo/ ...
capram	"cabra"	... /'kapRa/ - /'kabRa/...
leporem	"lebre"	... /'lEpRE/ - /'lEbRE/ ...
mutum	"mudo"	... /'muto/ - /'mudo/ ...
pratum	"prado"	... /'pRato/ - /'pRado/ ...
metum	"mēdo"	... /'mEto/ - /'mEdo/ ...
rotam	"roda"	... /'ROta/ - /'ROda/ ...
matrem	"madre"	... /'matRE/ - /'madRE/ ...
latronem	"ladrão"	... /la'tRonE/- /la'dRonE/ ...
pacare	"pagar"	... /pa'kaRE/ - /pa'gaRE/ ...
plicare	"chegar"	... /t <sup>s</sup> e'kaRE/- /t <sup>s</sup> egaRE/ ...
lacum	"lago"	... /'lako/ - /'lago/ ...
dico	"digo"	... /'diko/ - /'digo/ ...
lucrum	"lōgro"	... /'lokRo/ - /'logRo/ ...
sacratum	"sagrado"	... /sa'kRato/- /sa'gRado/ ...
dicere	"dizer"	... /di't <sup>s</sup> eRE/ = (di'd <sup>z</sup> eRE) ...
uaciuum	"vazio"	... /va't <sup>s</sup> io/ = (va'd <sup>z</sup> io) ...
fiduciam	"fiúza"	... /fi'utsa/ = (fi'ud <sup>z</sup> a) ...
rationem	"razão"	... /Ra'tsonE/ = (Ra'd <sup>z</sup> onE) ...
lucem	"luz"	... /'lut <sup>s</sup> E/ = ('lud <sup>z</sup> E) ...
uicem	"vez"	... /'vet <sup>s</sup> E/ = ('ved <sup>z</sup> E) ...
aurificem	"ourives"	... /aw'RifEtSE/ = (aw'RivEd <sup>z</sup> E) ...
profectum	"proveito"	... /pRo'fEkto/- /pRovEkto/...
Stephanum	"Estēvão"	... /es'tEfano/- /es'tEvano/...
mensam	"mesa"	... /'mesa/ = ('meza)...
causam	"coisa"	... /'kawsa/ = ('kawza)...
pausare	"pousar"	... /paw'saRE/ = (paw'zaRE) ...
rosam	"rosa"	... /'ROsa/ = ('ROza) ...
basium	"beijo"	... /'basyo/ = ('bažyo)...
caseum	"queijo"	... /'kasyo/ = ('kažyo)...

Nos demais ambientes as surdas se conservaram:

pede - pé; primariu - primeiro; turpe - torpe; rumpere - romper; approbare - aprovar; tauru - touro, tempu- tempo; trabe-trave; mostrare - mostrar; morte - morte; fonte - fonte; cane - cão; scribere - escrever; furca - fôrca; rancore - rancor; sedere - ser; facere - fazer; certu - certo; mercede- mercê.

#### 4.2.3. As geminadas.

As geminadas foram interpretadas como seqüência de dois fonemas iguais, realizando-se o primeiro como implosivo e o segundo como explosivo. Fonéticamente, porém, se produzem por uma única articulação e se distinguem por sua qualidade de longas em confronto com as simples, breves.

Depois que as consoantes surdas, nos ambientes propícios ao enfraquecimento, foram substituídas pelas sonoras correspondentes (4.2.2.), não mais havia oposição entre surdas e geminadas surdas, neste ambiente.

Distribuição em ambiente propício ao enfraquecimento.

		Bilab.	L-dental	Apical	Frontal	Dorsal
OCLUSIVAS	surdas	-	-	-	-	-
	sonoras	(b	-	d	-	g
AFRICADAS	surdas	-	-	-	-	-
	sonoras	-	-	d <sup>z</sup>	-	-
FRICATIVAS	surdas	-	-	-	-	-
	sonoras	-	v	z	z)	-

As geminadas surdas, as oclusivas e as fricativas, tomaram o lugar das surdas por defonologização do allofone implosivo.

Exemplos.

<u>Ortogr.lt.</u>	<u>Significado</u>	<u>Romanço galego-português</u>
stuppam	"estôpa" ... /es'toppa/	- /es'topa/.
cippum	"cepo" ... /'t <sup>S</sup> eppo/	- /'t <sup>S</sup> epo/...
guttam	"gôta" ... /'gotta/	- /'gota/.
mittere	"meter" ... /met'teRE/	- /me'teRE/ ...
siccum	"sêco" ... /'sekko/	- /'seko/...
peccatum	"pecado" ... /k'kado/	- /pE'kado/...
offendo	"ofendo" ... /Of'fendo/	- /O'fendo/...
ipse	"êsse" ... /'essE/	- /'esE/...
ossum	"osso" ... /'Osso/	- /'Oso/...
persicum	"pêssego" ... /'pEssego/	- /'pEsego/...
ruptum	"rôto" ... /'Rotto/	- /'Roto/ ...
personam	"pessoa" ... /pE'ssona/	- /pE'sona/ ...

As geminadas surdas, não intervocálicas, também sofreram defonologização do alofone implosivo. As geminadas sonoras tomaram o mesmo caminho da simplificação. Eram muito raras no latim (Niedermann, 1945, 160); e parece não haver nesmo homônimos produzidos pela confusão fonêmica entre as sonoras geminadas e as sonoras simples.

#### Exemplos.

##### Ortogr.lt. Significado Romanço galego-português.

litteram	"letra"	.../'lettRa/	- /'letRa/.
approbare	"aprovar"	.../appRO'vaRE/	- /apRO'vaRE/...
abscondere	"esconder"	.../asskOn'deRE/	- /askOn'deRE/ ...
aducer.	"aduzir"	.../addu'tSeRE/	- /adu'tSeRE/...
abbatem	"abade"	.../ab'badE/	- /a'badE/...
sabbatum	"sábado"	.../'sabbado/	- /'sabado/...

#### Conseqüência.

Pela simplificação da geminada /ss/ para /s/ ressurgiu este fonema em posição intervocálica onde também ocorre o fone (z) (4.2.2.); este sofreu fonemização para /z/, com os traços distintivos de não-labial, fricativo, sonora em oposição a /s/ que sofreu transfonemização por adquirir o traço distintivo de surdo. O alofone (s), diante da semiconsoante anterior, sofreu transfonologização para (š). Os alofones (š) de /s/ e (ž) de /z/ sofreram posterior evolução, (5.2.2.e 5.5).

#### Exemplos.

##### Ortogr.lt. Significado Romanço galego-português.

mensam	"mesa"	.../'mesa/	- /'meza/.
causam	"coisa"	.../'kawsa/	- /'kawza/...
basium	"beijo"	.../'basyo/	- /'bazyo/ = ('bažyo)...
caseum	"queijo"	.../'kasyo/	- /'kazyo/ = ('kažyo)...
passionem	"paixão"	.../pas'syonE/	- /pa'syonE/ = (pa'šyonE)...
russeum	"roxo"	.../'Rossyo/	- /'Rosyo/ = ('Rošyo)...

#### 4.3. As consoantes implosivas.

##### 4.3.1.A fonemização de /d<sup>Z</sup>/.

Dante das africadas sofrem defonologização as consoantes implosivas ( $\text{p}_+$ ), ( $\text{t}_+$ ), ( $\text{k}_+$ ), ( $\text{f}_+$ ), oriundos de antigas geminadas, e ainda ( $\text{s}_+$ ) e ( $\text{R}_+$ ), dante da africada posterior.

##### Consequências:

Encontram-se em posição intervocálica os fones ( $\text{ts}$ ) e ( $\text{d}^Z$ ) o qual, por oposição ao primeiro, sofre fonemização para /d<sup>Z</sup>/ com os traços distintivos de não-posterior, africado e sonoro, passando o fonema /t<sup>S</sup>/ por transfonemização por adquirir o traço distintivo de surdo, ao lado de não-posterior e africado. "...afigura-se-me que as palavras, nas quais o -ti- e -ci- latinos estão representados por -c-, devem ter-se por semi-cultas, sendo genuinamente populares aquelas em que a esses grupos corresponde z..." (Nunes, 1951, 142.)

O fonema /t<sup>S</sup>/ obtém distribuição intervocálica.

##### Exemplos.

<u>Ortogr. lt.</u>	<u>Significado</u>	<u>Romanço galego-português.</u>
applico	"acheço"	.../ap't <sup>S</sup> ego/ - /a't <sup>S</sup> ego/ ...
afflare	"achar"	.../af't <sup>S</sup> aRE/ - /a't <sup>S</sup> aRE/ ...
bracchium	"braço"	.../'bRakt <sup>S</sup> o/ - /'bRat <sup>S</sup> o/ ...
captiare	"caçar"	.../kat't <sup>S</sup> aRE/ - /ka't <sup>S</sup> aRE/ ...
sarculum	"sacho"	.../'saRt <sup>S</sup> o/ - /'sat <sup>S</sup> o/ ...
masculum	"macho"	.../'mast <sup>S</sup> o/ - /'mat <sup>S</sup> o/ ...
dicere	"dizer"	.../di't <sup>S</sup> eRE/ - /di'd <sup>Z</sup> eRE/ ...
uaciuum	"vazio"	.../va't <sup>S</sup> io/ - /va'd <sup>Z</sup> io/...
fiduciam	"fiúza"	.../fi'ut <sup>S</sup> a/ - /fi'ud <sup>Z</sup> a/ ...
rationem	"razão"	.../Ra't <sup>S</sup> onE/ - /Ra'd <sup>Z</sup> onE/ ...
lucem	"luz"	.../'lut <sup>S</sup> E/ - /'lud <sup>Z</sup> E/ ...
uicem	"vez"	.../'vet <sup>S</sup> E/ - /'ved <sup>Z</sup> E/ ...
aurificem	"ourives"	.../aw'RivEt <sup>S</sup> E/- /aw'RivEd <sup>Z</sup> E/ ...

#### 4.3.2. A diafonologização das posteriores oclusivas.

$V + k \approx g + C = V + \underline{y} + C$  : diafonologização.

$C + k + C = V + \text{zero} + C$  : defonologização.

As posteriores oclusivas, implosivas, ( $\underline{k}$ ) e ( $\underline{g}$ ), quando precedidas de vogal, sofreram diafonologização para a semivogal anterior, ( $\underline{y}$ ); não havia, neste ambiente, oposição entre os dois fones, pois a segunda ocorria únicamente diante de vibrante, onde a primeira não se manifestava. Em um empréstimo ocorre ( $\underline{g}$ ) também diante de (m): pigmenta.

( $\underline{k}$ ), diante de (s) mais outra consoante, já havia desaparecido no latim (Niedermann, 1945, 230).

O grupo (sk) foi substituído, no latim, por (ks) segundo Gonçalves Viana (apud Nunes, 1951, 132) diante de vogais anteriores. ( $\underline{k}$ ) sofreu defonologização entre duas consoantes, se é que tais formas existiram no latim lusitânico (Cf. Niedermann, 1945, 228-9).

#### Exemplos.

<u>Ortogr.lt.</u>	<u>Significado</u>	<u>Romanço galego-português.</u>
sanctum	"santo" ... /'sankto/	- /'santo/ ...
punctum	"ponto" ... /'ponkto/	- /'ponto/ ...
iactare	"jeitar"arc... /yak'taRE/	- /yay'taRE/ ...
lac	"leite" ... /'lakte/	- /'layte/ ...
octo	"oito" ... /'Okto/	- /'Oyto/ ...
noctem	"noite" ... /'nOkte/	- /'nOyte/ ...
luctare	"lutar" ... /lok'taRE/	- /loy'taRE/...
saxum	"seixo" ... /'sakso/	- /'sayso/ ...
sex	"seis" ... /'sEks/	- /'sEys/ ...
luxum	"luxo" ... /'lukso/	- /'luyso/ ...
mataxam	"madeixa" ... /ma'daksa/	- /ma'daysa/ ...
miscere	"mexer" ... /mek'seRE/	- /mey'seRE/ ...
piscem	"peixe" ... /'peksE/	- /'peysE/ ...
fascem	"feixe" ... /'faksE/	- /'faysE/ ...
fasciam	"faixa" ... /'faksya/	- /'faysya/ ...
flagrare	"cheirar" ... /t <sup>s</sup> ag'RaRE/	- /t <sup>s</sup> ay'RaRE/ ...
integrum	"inteiro" ... /en'tegRo/	- /en'teyRo/ ...
nigram	"negra" ... /'negRa/	- /'neyRa/ arc.
pigmenta	"pimenta" ... /pig'mEnta/	- /piy'mEnta/ ...
Conserva-se, neste estado, (N), alofone de /g/.		

ligna	"lenha"	.../'legna/	- /'leyna/ ...
signa	"senha"	.../'segna/	- /'seyna/ ...
pugnum	"punho"	.../'pogno/	- /'poyno/ ...
pugnare	"lutar"	.../pog'naRE/	- /poy'naRE/ ... punhar,
cognatum	"cunhado"	.../kog'nado/	- /koy'nado/ ... arc.
tam magnum	"tamanho"	.../tam'magno/	- /tam'mayno/ ...

"Em palavras eruditas o c de ct geralmente caiu..." (Williams, 1961, 96.) "Nas palavras semi-eruditas, sc seguidos de e ou i tornaram-se c..." (Williams, 1961, 93.). "É tanto da índole da língua a vocalização do c no grupo -ct-, e ainda do g, seguido doutra consoante, quando precedidos de vogal, que se nota ainda em palavras de proveniência culta, a única diferença está em que nestas, em vez de i, apareceu u, tais são: as arcaicas auto, autivo, auçom carauteelas, pau-to trauto, trautar, Maudalena ou Moudalena hoje Madalena ou Madanelia (pop.), de actu-, activu-, actione-, caracteres, pac-tu-, tractu-, tractare, Magdalena." (Nunes, 1951, 123-4.)

Conseqüência: (s) - (š); (n) - (ň).

Houve a transfonologização do alofone (s), entre a semivogal anterior e uma vogal seguinte, e a diafonologização de (n) para (ň), no mesmo ambiente; a diafonologização foi seguida da defonologização da semivogal.

Exemplos:

/'leyna/	- /'leyňa/	- /'leňa/.
'seyna/	- /'seyňa/	- /'seňa/.
'poyno/	- /'poyňo/	- /'poňo/...
/poy'naRE/	- /poy'ňaRE/	- /po'ňaRE/ ...
/koy'nado/	- /koy'ňado/	- /ko'ňado/ ...
/tam'mayno/	- /tam'mayňo/	- /tam'maňo/...

/mey'seRE/ = (mey'šeRE); /'faysE/ = ('fayšE), etc.

#### 4.3.3. A diafonologização de (m).

A nasal labial sofreu diafonologização para a nasal, apical, diante de nasal de outra ordem. Ex.:

<u>Ortogr.lt.</u>	<u>Significado</u>	<u>Romanço galego-português.</u>
dominum	"dono"	.../'d0mno/ - /'dOnno/ ...
somnium	"sonho"	.../'s0mňo/ - /'sOnňo/ ...
somnum	"sono"	.../'s0mno/ - /'sOnno/ ...
damnum	"dano"	.../'damno/ - /'danno/ ...

#### 4.4. As vogais assilábicas.

##### 4.4.1. A semiconsoante posterior.

A semiconsoante posterior, proveniente de (U) - (ɨ) (3.3.4.), sofreu transfonologização para a semivogal, com mudança de distribuição para a sílaba precedente. Assim se formou um novo ditongo, /ow/. Era de freqüência reduzidíssima e não resistiu: primeiro (o) sofreu diafonologização para (o) e a seguir houve a defonologização de (w). As palavras que receberam o ditongo /aw/, conservaram-no durante o galego-português, (5.3.1).

##### Exemplos.

<u>Ortogr.lt.</u>	<u>Significado</u>	<u>Romanço galego-português.</u>
sapui:sapii	"soube"	.../'sabwi/ - /'sawbi/ ...
habuit	"houve"	.../'aɛwe/ - /'awve/ ...
potuit	"pôde"	.../'pɔdwe/ - /'pɔwde/ - /'powde/ - /'pode/ ...
posuit	"pôs"	.../'pozwe/ - /'powze/ - /'powze/ - /'poze/ ...

##### 4.4.2. A semiconsoante anterior.

Entre uma consoante e uma vogal:

Quando a semiconsoante anterior, (ŷ), se encontrava depois de /z/ ou /R/, evoluiu no galego-português; depois de outra consoante, conservou-se neste período, se fosse explosiva.

ŷ + y = y + ŷ : transfonologização de (ŷ) para (y) ;

'V + ŷ + y = 'V + y + ŷ : transfonologização de (ŷ) - (y) ;

ŷ + y, em outros ambientes: defonologização de (ŷ).

A semiconsoante anterior, (ŷ), na presença de /z/ sofreu transfonologização para semivogal anterior (y), com mudança de distribuição para a sílaba precedente.

Passa pela mesma transfonologização, na presença de (R), quando a sílaba precedente é intensiva e quando a vibrante não vem precedida de outra consoante; em caso contrário, sofre defonologização, diante do alofone explosivo da vibrante.

A transfonologização traz como resultado novos ditongos.

## Exemplos.

<u>Ortogr. lt.</u>	<u>Significado</u>	<u>Romanço galego-português.</u>
basium	"beijo"	... /'bazyo/ - /'bayzo/ = ('bayžo) ...
caseum	"queijo"	... /'kazyo/ - /'kayzo/ = ('kayžo) ...
corium	"couro"	... /'kORyo/ - /'kOyRo/ ...
materiam	"madeira"	... /ma'dErya/ - /ma'dEyRa/ ...
atrium	"adro"	... /'adRyo/ - /'adRo/ ...

## Em início:

Em inicio de palavra, a semiconsoante anterior, cujos traços fônicos eram assilábico, anterior e sonoro, foi substituída pelo fone africado, frontal e sonoro (dž). Este fone saiu do âmbito da vogal assilábica, anterior e entrou no âmbito das africadas: houve a fonemização de /dž/, que se opõe ao surdo /tš/ em inicio de palavra (4.1.) Seus traços distintivos são posterior, africado e sonoro e causou a transfonemização de /tš/ que incorporou o traço fônico de surdo como distintivo. /dž/ teve posterior evolução, (5.5).

## Exemplos.

<u>Ortogr. lt.</u>	<u>Significado</u>	<u>Romanço galego-português.</u>
iam	"já"	... /'ya/ - /'dža/ ...
iacere	"jazer"	... /ya'dZeRE/ - /džadZeRE/ ...
iantare	"jantar"	... /yan'taRE/ - /džan'taRE/ ...
iocum	"jogo"	... /'yOgo/ - /'džOgo/ ...
iulium	"julho"	... /'yuļo/ - /'džuļo/ ...
gelare	"gear"	... /yE'laRE/ - /dže'laRE/ ...
gentem	"gente"	... /'yEntE/ - /'džEntE/ ...

Em inicio de sílaba, ocorreu a mesma evolução, com a sílaba precedente fechada.

angelum	"anjo"	... /'anyElo/ - /'andžElo/ ...
longe	"longe"	... /'1Onye/ - /'1Ondže/ ...
marginem	"margem"	... /'maRyEnE/ - /'maRdžEnE/ ...

Em posição intervocálica:

A semiconsoante em posição intervocálica pode ser herdada do latim, provir da diafonologização da posterior, oclusiva, sonora (3.4.2.e 3.5.3.) ou resultar da síncope da apical, oclusiva, sonora (3.5.2.).

Neste ambiente, a semiconsoante pode sofrer defonologização, transfonologização para a semivogal anterior, formando ditongo com a vogal precedente ou diafonologização para a posterior, africada, sonora, realizando-se como (ž). Este fone se comprova como alofone da africada /dž/, porque o fone (dž) não ocorre entre duas vogais; e é o fone (ž) que confirma a africada, posterior, sonora, como fonema /dž/; pois, sem a distribuição intervocálica, os dois fones africados, sonoros, (dž) e (dž̩) seriam alofones do mesmo fonema, porque aquêle só ocorre entre duas vogais, (4.2.2.). . . Como consequência desta evolução o fone (ž), que se manifestava ao lado da semivogal anterior, desliga-se do fonema /z/ e faz parte do fonema /dž/, porque (dž) não ocorre ao lado da semivogal.

Parece não ser possível sistematizar os fatos que levaram a semiconsoante a evoluções diferentes, por ser difícil discernir qual é a evolução normal e o que se deve à analogia ou a empréstimos do latim, de dialetos hispânicos e de outras línguas românicas. "Les faits sont de plus embrouillés en portugais." (Meyer-Lübke, 1890, 460.)

Exemplos.

<u>Ortogr.lt.</u>	<u>Significado</u>	<u>Romanço galego-português.</u>
reginam	"rainha" ... /Re'yina/	- /Re'ina/ ...
tageniam	"tainha" ... /ta'yiňa/	- /ta'iňa/.
rigitum	"ruído" ... /Ro'yido/	- /Ro'ido/...
strigam	"estria" ... /es'tRiya/	- /es:tRia/...
sagum	"saio" ... /sa.yo/	- /'say.o/...
radium	"raio" ... /Ra.yo/	- /'Ray.o/...
badium	"baio" ... /ba.yo/	- /'bay.o/...
modium	"moio" ... /mo.yo/	- /'moy.o/...
sagittam	"seta" ... /sa'yeta/	- /sa'eta/...
corrigiam	"correia" ... /kOR'Reya/	- /kOR'Rea/...
sigillum	"sêlo" ... /se'yello/	- /se'ello/...
legere	"ler" ... /le'yeRE/	- /le'eRE/ ...
legem	"lei" ... /le.yE/	- /ley.E/...
regem	"rei" ... /'Re.yE/	- /'Rey.E/...

ieiunare	"jejuar"	.../yeyu'naRE/	- /džedžutare/...
cuius	"cujo"	.../'kuyo/	- /'kudžo/...
hodie	"hoje"	.../'Oye/	- /'Odže/...
uideam	"veja"	.../'veya/	- /'vedža/...
sedeam	"seja"	.../'sEya/	- /'sEdža/
adiutare	"ajudar"	.../ayu'da E/	- /adžudaRE/...

#### 4.5. As vogais.

##### 4.5.1. A síncope das vogais anteriores, adjacentes à sílaba intensiva.

As vogais anteriores, em sílaba interior, adjacente à sílaba intensiva, caem por síncope, quando a consoante ou as consoantes que as precedem, são daquelas que nessa época podiam ocorrer como implosivas - /s/, /m/, /n/, /l/ e /R/, pois, pela síncope da vogal, a consoante precedente sofre transfonologização de explosiva para implosiva. Exceção: A vogal, em sílaba anterior à intensiva, não cai quando está entre /m/ e /n/, porque este grupo já havia desaparecido da língua (4.3.3.), e quando vem precedida da apical nasal, talvez porque esta consoante já tivesse desaparecido neste ambiente.

##### Exemplos.

<u>Ortogr. lt.</u>	<u>Significado</u>	<u>Romanço galego-português.</u>
aliquid	"algo"	.../'aleg0/ - /'alg0/...
limites	"lindes"	.../'limedes/ - /'limdes/...
animam	"alma"	.../'anema/ - /'anma/ ...
pulicem	"pulga"	.../'pulega/ - /'pulga/.
gallicum	"galgo"	.../'gallego/ - /'gallgo/...
manicam	"manga"	... /'manega/ - /'manga/ ...
delicatum	"delgado"	.../dele'gado/ - /del'gado/...
follicare	"folgar"	.../folle'gaRE/- /foll'gaRE/...
molinarium	"moleiro"	.../mOle'nayRo/- /mol'nayRo/...
comitatum	"condado"	.../kOme'dado/ - /kom'dado/...
semitarium	"sendeiro"	.../seme'dayro/- /sem'dayro/...
ueritatem	"verdade"	.../veRe'dadE/ - /veR'dadE/...

Obs. A síncope não ocorre quando o resultado seria um grupo de três consoantes diferentes, como em uoluntatem - vontade. "Palavras em que tal síncope ocorreu, com a consequente perda de uma das consoantes, não muitíssimo excepcionais e provavelmente empréstimos do espanhol, francês ou provençal: aestimāre - esmar; masticāre - mascar; uindicāre - vingar." (Williams, 1961, 68.)

#### 4.5.2. Apócope das vogais anteriores.

As vogais anteriores, finais de palavra, sofrem defonologização quando precede a semivogal anterior, /d<sup>Z</sup>/, /z/, /n/, /l/ e /R/ intervocálicos. As vogais médias, na penúltima sílaba diante da lateral, sofrem diafonologização para as correspondentes abertas, antes da apócope. Conseqüência: As consoantes citadas sofrem transfonologização de explosivas para implosivas e se tornam finais de palavra.

#### Exemplos.

##### Ortogr.lt. Significado Romântico galego-português.

legem	"lei"	.../'leyE/	- /'ley/.	
regem	"rei"	.../'ReyE/	- /'Rey/...	
lucem	"luz"	.../'lud <sup>Z</sup> E/	- /'lud <sup>Z</sup> /...	
pacem	"paz"	.../'pad <sup>Z</sup> E/	- /'pad <sup>Z</sup> /...	
dicit	"diz"	.../'did <sup>Z</sup> E/	- /'did <sup>Z</sup> /...	
mensem	"mês"	.../'mezE/	- /'mez/...	
posui	"pus"	.../'puzi/	- /'puz/...	
posuit	"pôs"	.../'pozE/	- /'poz/...	
panem	"pão"	.../'panE/	- /'pan/...	
canem	"cão"	.../'kanE/	- /'kan/...	
tenet	"tem"	.../'tEnE/	- /'tEn/...	
mare	"mar"	.../'maRE/	- /'maR/...	
amorem	"amor"	.../a'moRE/	- /a'moR/...	
cantare	"cantar"	.../kan'taRE/	- /kan'taR/...	
debere	"dever"	.../de'veRE/	- /de'veR/...	
partire	"partir"	.../paR'tiRE/	- /paR'tiR/...	
capitalem	"cabedal"	.../kabe'dale/	- /kabe'dal/...	
canalem	"cal"	.../ka'nale/	- /ka'nal/...	
salem	"sal"	.../'saLE/	- /'sal/.	
solem	"sol"	.../'sole/	- /'s0LE/	- /'s0l/.
crudelem	"cruel"	.../kRu'e1E/	- /kRuE1E/	- /kRuEl/...

4.5.3. A distribuição das vogais em hiatos  
e ditongos.

A vogal fraca (i), no hiato /ai/, sofre diafonologização para (y), semivogal anterior; a vogal fraca (o), nos hiatos /Eo/ e /oo/ sofre diafonologização para a semivogal posterior (w). Surgem assim dois novos ditongos: /Ew/ e /ow/. (3.3.4. e 3.4.2.)

Exemplos.

Ortogr. lt. Significado Romanço galego-português.

cantaui	"cantei"	.../kan'tai/	- /kan'tay/ ...
amaui	"amei"	.../a'mai/	- /a'may/ ...
deus	"deus"	.../'dEos/	- /'dEws/ ...
meum	"meu"	.../'mEo/	- /'mEw/ ...
ego	"eu"	.../'Eo/	- /'Ew/ ...
duos	"dois"	.../'dɔ̄s/	- /'dows/ ...
suum	"seu"	.../'soo/	- /'sow/, arc.

A vogal (a) sofre diafonologização para (e), diante da semivogal anterior, a não ser quando a sílaba seguinte começa por vogal. Assim o ditongo (ay), em certos ambientes, passa a (ey), (4.4.2; 4.3.2 e 4.5.3.)

Exemplos.

Ortogr. lt. Significado Romanço galego-português.

cantaui	"cantei"	.../kan'tay/	- /kan'tey/...
amaui	"amei"	.../a'may/	- /a'mey/.
basium	"beijo"	.../'baydžo/	- /'beydžo/...
caseum	"queijo"	.../'kaydžo/	- /'keydžo/...
primarium	"primeiro"	.../pRimayRo/	- /pRimeyRo/...
ferrarium	"ferreiro"	.../fER'RayRo/	- /fER'ReyRo/...
operarium	"obreiro"	.../o'bRayRo/	- /o'bReyRo/...
lac	"leite"	.../'laytE/	- /'leytE/...
scium	"scixo"	.../sɛjx{o}/	- /sɛyso/...
mataxam	"madeixa"	.../ma'dayxa/	- /ma'deysa/...
fascem	"feixe"	.../'faysE/	- /'feysE/...
fasciam	"faixa"	.../'faysya/	- /'feysya/...
flagrare	"cheirar"	.../tšay'RaR/	- /tšey'RaR/...

4.6. O esquema fonêmico das consoantes do romanço galego-português.

		LABIAIS	APICAIS	POSTERIORES
OCLUSIVAS	surdas	/p	t	k
	sonoras	b	d	g
AFRICADAS	surdas		tš	
	sonoras		dž	
FRICATIVAS	sonoras	v	z	dž
	surdas	f	s	
NASAIS		m	n	ň
LATERAIS			l	ł
VIBRANTE				R/

Após as evoluções que as consoantes sofreram no romanço galego-português, apresentavam-se com seus traços distintivos como o demonstra o esquema. Como o fone (ž) foi interpretado como alofone do africado, posterior /dž/, desfazendo, neste fonema a oposição entre africado e fricativo, embora fosse mantido o nome africado, o fone (š) também poderia ser considerado alofone de /tš/ para maior simetria. Contudo, no português arcaico, o fone (š) entra em oposição ao posterior, africado, surdo; por esta razão foi mantido como alofone de /s/ do qual se originou.

## 5. O sistema fonêmico do português arcaico.

### 5.1. O enfraquecimento das consoantes.

#### 5.1.1. A apical,lateral.

No X século (Vasconcelos, 1959, 266) se iniciou a defonologização da consoante apical, lateral, em posição intervocálica. A consequência desta evolução é o aumento do número de hiatos, que tinham sido produzidos, sobretudo, pela síncope da apical, oclusiva, sonora. Conflito homônimo não parece ter surgido.

#### Exemplos.

<u>Ortogr.lt.</u>	<u>Significado</u>	<u>Português arcaico</u>
salire	"sair"	.../sa'liR/ - /sa'iR/...
calentem	"quente"	.../ka'lente/ - /ka'ente/...
telam	"teia"	.../'tela/ - /'tea/...
candelam	"candeia"	.../kan'dela/ - /kan'dea/...
colorem	"côr"	.../kO'loR/ - /kO'oR/...
dolorem	"dor"	.../dO'loR/ - /dO'oR/...
malum	"mau"	.../'malo/ - /'mao/...
mala	"má"	.../'mala/ - /'maa/...
palatium	"paço"	.../pa'latso/ - /pa'atso/... semi-erud.

#### 5.1.2. A vibrante.

Do campo de dispersão tão amplo, por ser um fonema não-integrado, a vibrante, em certa época, se fixou na norma como apical, passando a uvular a variação livre, como atualmente é em português (Camara Jr., 1953, 110). Houve transfonologização: a vibrante substituiu um traço irrelevante, uvular, por outro, apical; por esta razão a vibrante será representada por /r/. O alofone da vibrante que se realizava em posição intervocálica sofreu transfonologização para (r), o flap. Assim a vibrante adquiriu um novo alofone que sofreu posterior evolução, (5.1.4).

O ambiente em que se realizou a transfonologização é: entre duas vogais, e entre uma vogal assilábica e uma vogal.

## Exemplos.

Ortogr. lt. Significado Português arcaico.

ceram	"cera"	... /'tsera/	= ('tsera) ...
coronam	"coroa"	... /ko'rona/	= ("ko'rona) ...
arenam	"areia"	... /a'rena/	= (a'rena) ...
carum	"caro"	... /'karō/	= ('karō) ...
arare	"arar"	... /a'rār/	= (a'rār) ...
primarium	"primeiro"	... /p̄ri'meyrō/	= (p̄ri'mayro) ...

## 5.1.3. A apical nasal.

As vogais que precediam uma apical nasal, intervocálica, sofreram transfonologização de vogais orais para as vogais nasais correspondentes, alofones diante de consoante apical, nasal, intervocálica. As vogais médias, abertas, neste ambiente, sofreram diafonologização para as vogais médias, fechadas, correspondentes. O alofone (ã) da vogal baixa /a/ sofreu transfonologização para vogal nasal, central, média, fechada, (ẽ). Como não havia oposição entre vogal nasal mais a consoante nasal e vogal nasal em hiato, i.e sem a consoante nasal, houve defonologização desta consoante nasal, por desnecessária à economia da língua, e fonemização das vogais nasais. As vogais nasais se comprovam como fonemas em oposição às orais, que sofreram transfonemização por adquirirem como distintivo o traço fônico de oral, pelos pares mínimos /'mao/ "mau" do latim malum : /'mão/ "mão" do latim manum; /'veE/ "vê" do latim uidet : /'vẽ/ "vem" do latim uenit; /'vii/ "vi" do latim uidi : /'vĩi/ "vim" do latim ueni; e pelos ambientes análogos /'tua/ "tua" do latim tua : /'t̄ua/ "uma" do latim una; /'kos/ "coa" do latim colat : /'s̄os/ "soa" do latim sonat.

O esquema fonêmico das nasais permaneceu até hoje.(2.2.)

Dianete de vogal:

- /in/ = (in) - (ĩn) - (ĩ) = /ĩ/.
- /en/ = (en) - (ẽn) - (ẽ) = /ẽ/.
- /En/ = (En) - (Ẽn) - (ẽn) - (ẽ) = /ẽ/.
- /an/ = (ān) - (ñn) - (ẽn) - (ẽ) = /ã/.
- /On/ = (On) - (õn) - (õn) - (õ) = /õ/.
- /on/ = (on) - (õn) - (õ) = /õ/.
- /un/ = (un) - (ũn) - (ũ) = /ũ/.

A fonemização das vogais nasais causou a transfonemização das orais (3.3) que adquiriram como distintivo o traço fônico de oral.

## Exemplos.

<u>Ortogr.lt.</u>	<u>Significado</u>	<u>Português arcaico.</u>
uinum	"vinho"	... /'vino/ - /'vĩo/ ...
caminum	"caminho"	... /ka'mino/ - /ka'mĩo/ ...
gallinam	"galinha"	... /gal'lina/ - /gal'lĩa/ ...
arenam	"areia"	... /a'rena/ - /a'rẽa/ ...
sinum	"seio"	... /'seno/ - /'sẽo/ ...
uenam	"veia"	... /'vena/ - /'vẽa/ ...
granum	"grão"	... /'grano/ - /'grão/ ...
canes	"cães"	... /'kanes/ - /'kães/ ...
lanam	"lã"	... /'lana/ - /'lãa/ ...
lunam	"lua"	... /'luna/ - /'lúa/ ...
unum	"um"	... /'uno/ - /'ũo/ ...
communes	"comuns"	... /kOm'munes/ - /kOm'mões/ ...
bonum	"bom"	... /'bOno/ - /'bono/ - /'bõo/ ...
sonat	"soa"	... /'sOna/ - /'sona/ - /'sõa/ ...
sonum	"som"	... /'sOno/ - /'sono/ - /'sõo/ ...
tenes	"tens"	... /'tEnes/ - /'tenes/ - /'tẽes/ ...
generalem	"geral"	... /dŽenEral/- /dŽenEral/- /dŽeEral/ ...
latrones	"ladrões"	... /la'dron̄os/ - /la'drões/ ...
ponere	"pôr"	... /po'neř/ - /põ'eř/ ...

## 5.1.4. As geminadas.

Quando as apicais, a nasal, a lateral e a vibrante, sofreram defonologização em ambiente intervocálico, abriram caminho para as suas geminadas: houve a defonologização dos alofones implosivos das geminadas, inclusive em casos esporádicos como /'gallgo/, (4.5.1.), onde se conservou um dos alofones como implosivo. A labial nasal, geminada, seguiu o mesmo caminho da defonologização do alofone implosivo, mesmo causando conflito homônimo, porque a labial nasal, intervocálica, se conservou. Ex.: /tšama/ "chama" do latim clamat : /tšama/ "chama" do latim flammam.

## Conseqüência:

Pela simplificação da vibrante geminada, deu-se a fonemização do flap, /r/, com o traço distintivo de flap, porque se opõe à vibrante, /r/, em posição intervocálica.

Exemplos.

Ortogr. lt. Significado Português arcaico.

castellum	"castelo" ... /kas'tElo/	- /kas'tElo/ ...
caballum	"cavalo" ... /ka'vallo/	- /ka'valo/ ...
capillum	"cabelo" ... /ka'bello/	- /ka'belo/ ...
caepullam	"cebola" ... /tSe'bolla/	- /tSe'bolla/ ...
serram	"serra" ... /'sFr̄ra/	- /'sFr̄ra/ ...
currere	"correr" ... /ko'r̄er̄/	- /ko'r̄er̄/ ...
uerrere	"varrer" ... /ver̄'r̄er̄/	- /ve'r̄er̄/ ...
flammam	"chama" ... /'tšamma/	- /'tšamma/ ...
summam	"soma" ... /'somma/	- /'soma/.
annum	"ano" ... /'anno/	- /'ano/ ...
pennam	"pena" ... /'pEnna/	- /'pEna/ ...
ceram	"cera" ... /'tsēra/	- /'tsēra/...
coronam	"coroa" ... /ko'r̄oa/	- /ko'r̄oa/ ...
arenam	"areia" ... /a'r̄ea/	- /a'r̄ea/ ...
carum	"caro" ... /'karō/	- /'karō/ ...
carrum	"carro" ... /'kar̄ro/	- /'kar̄ro/ ...
primarium	"primeiro" ... /p̄ri'meyro/	- /p̄ri'meyro/...

5.2. As vogais assilábicas.

5.2.1. A semiconsoante anterior.

A semiconsoante anterior ocorria depois de consoante implosiva, proveniente da síncope de (I) diante de vogal (3.3.5.), da diafonologização de (E) diante de vogal (3.3.4.). As consoantes implosivas que podiam preceder a semiconsoante, eram as labiais e a apical, fricativa, surda, porque, nos demais ambientes, a semiconsoante já havia sido eliminada.

A semiconsoante sofre transfonologização para a semivogal anterior, com mudança de distribuição para a sílaba precedente, se esta for aberta e contiver uma vogal baixa ou posterior. Em caso contrário sofre defonologização.

Exemplos.

Ortogr. lt. Significado Português arcaico.

mancipium	"mancebo" ... /man'tsebyo/	- /man'tsebyo/ ...
rabiem	"raiva" ... /'r̄avya/	- /'r̄avya/.
rubeum	"ruivo" ... /'r̄ovyo/	- /'r̄ovyo/ ...
guuiam	"goiva" ... /'govya/	- /'govya/.

pluuiam	"chuva"	.../'tšovya/	- /'tšoyva/ ...
passionem	"paixão"	.../pa'syon/	- /pay'son/ ...
russeum	"roxo"	.../'rosyo/	- /'royso/ ...
capiam	"caiba"	.../'kabya/	- /'kayba/ ...
sapiam	"saiba"	.../'sabya/	- /'sayba/ ...

### 5.2.2. A semivogal anterior.

A semivogal anterior sofre defonologização quando precede a vogal /u/; a vogal (o) diante da semivogal tende a sofrer diafonologização para (u), o que nem sempre se realiza; e nesta ~~ocorrência~~ ainda, a bémivogal tende à defonologização, mas, às vezes, se conserva. Não está claro por que a vogal (o) e a semivogal se mantêm em determinadas palavras. Cai, ainda, a semivogal precedida de (i).

Exemplos.

#### Ortogr.lt. Significado Português arcaico.

fructum	"fruto"	.../'fruyto/	- /'fruto/...
luctum	"luto"	.../'luyto/	- /'luto/ ...
luctam	"luta"	.../'loyta/	- /'luyta/ - /'luta/.
tructam	"truta"	.../'troyta/	- /'truyta/ - /'truta/.
ausculto	"escuto"	.../as'koyto/	- /as'kuyto/- /es'kuto/...
pluuiam	"chuva"	.../'tšoyva/	- /'tšuyva/ - /'tšuva/...
rubeum	"ruivo"	.../'royvo/	- /'ruyvo/...
guuiam	"goiva"	.../'goyva/...	
tonsoriam	"tesoura"	.../te'zoyra/	...
salem muriam	"salmoura"	.../sal'moyra/	...

dictum "dito" .../'diyto/ - /'dito/...

A semivogal anterior, diante de consoante frontal, sofre defonologização. As palavras em que a semivogal, neste ambiente, se mantém, são devidas à influência das pessoas cultas.

#### Conseqüências

O fone fricativo, frontal, surdo, (š) sofre fonemização - /š/; era alofone do fonema fricativo, apical, surdo, /s/, porque ocorria na presença de uma semivogal, ~~unicamente~~, onde o fone (s) não se manifestava. Pela eliminação da semivogal o fone (š) se encontra entre duas vogais e passa à oposição de /s/ que também se manifesta no mesmo ambiente.

Exemplos.

<u>Ortogr. lt.</u>	<u>Significado</u>	<u>Português arcaico.</u>
russeum	"roxo"	.../'rōyso/ - /'rōšo/...
coxam	"coxa"	.../'koysa/ - /'koša/.
+crassiam	"graxa"	.../'grāysa/ - /'gřaša/.
+coresiam	"cereja"	.../t <sup>s</sup> e're'dža/ - /t <sup>s</sup> e'redža/...
passionem	"paixão"	.../pay'ſon/ - /pa'šon/ arc.

5.3. As vogais.

Pela síncope de consoantes sonoras, intervocálicas, (3.5.2; 5.1.1; 5.1.3.) o português arcaico não só ficou com um total de 12 vogais, 7 orais e 5 nasais, mas ainda com a distribuição de vogal diante de vogal, em numerosas combinações. O conjunto tão extenso de hiatos não se manteve, por desnecessário à economia da língua. Os hiatos, em grande número, foram eliminados.

5.3.1. Os ditongos.

/Oy/. A vogal (O), diante da semivogal anterior, sofreu diafonologização para (o), depois que (o) havia evoluído no mesmo ambiente (5.2.2.). E assim se conservou.

/Ew/. A vogal (E), diante da semivogal posterior, sofreu diafonologização para (e) sem criar conflito homônimo porque o ditongo /ew/ só se manifestava em verbos (3.3.5), onde não ocorria o ditongo /Ew/. O ditongo /ew/ se conservou.

/aw/. A vogal (a), diante da semivogal posterior, sofreu diafonologização para (o), ao que parece, sem criar conflito homônimo, pois o ditongo /ow/ só existia em poucas palavras. Ex.: doux e sou (4.5.3.) Os primeiros exemplos encontrados são do X século (Williams, 1961, 43).

Exemplos.

<u>Ortogr. lt.</u>	<u>Significado</u>	<u>Português arcaico.</u>	
octo	"oito"	.../'Oyto/ - /'oyto/... (4.3.2.)	
noctem	"noite"	.../'nOytE/ - /'noytE/...	
meum	"meu"	.../'mEw/ - /'mew/. (4.5.3.)	
deus	"deus"	.../'dEws/ - /'dews/.	
ego	"eu"	.../'Ew/ - /'ew/.	

amauit	"amou"	.../a'maw/	- /a'mow/.
sapuit	"soube"	.../'sawbE/	- /'sawbE/...
alterum	"outro"	.../'awt̄ro/	- /'owt̄ro/...
falcem	"foice"	.../'fawt̄sE/	- /'fowt̄sE/...
causam	"coisa"	.../'kawza/	- /'kowza/...
paucum	"pouco"	.../'pawko/	- /'powko/...
taurum	"touro"	.../'tawro/	- /'towro/...
vado	"vou"	.../'vaw/	- /'vow/.

A última forma deve ser a única proveniente da sincope da apical oclusiva, que encontrou nesta corrente de evolução, arrastando consigo as formas analógicas dou, estou. "O desenvolvimento de -oct- em algumas regiões para -oit- e noutras para -out-, seguido de influência interdialetal, talvez tenha sido a origem da confusão de ou e oi, que existiu muito antes do que tem sido geralmente acreditado, e.g., noute.... Como consequência dessa confusão precoce, o uso de oi divulgou-se no século XVI para palavras que tinham originalmente oi não proveniente de oc(t), e.g., couro (por coiro - cōrium), com o resultado de que ou e oi setornaram geralmente substituíveis entre si, ..." (Williams, 1961, 95).

### 5.3.2. Os hiatos.

#### Assimilação e crase.

Em hiato com uma vogal de sílaba intensiva

a) a vogal mais aberta de um grau sofre diafonologização para a vogal intensiva.

Exemplos.

#### Ortogr.lt. Significado Português arcaico.

colorem	"côr"	.../k0'oř/	- /'ko'oř/ ...
pelagum	"pego"	.../'pEago/	- /'pEEgo/... semi-er.
credit	"crê"	.../'křeE/	- /'křee/...
dolorem	"dôr"	.../d0'oř/	- /do'oř/...
crudum	"cru"	.../'křuo/	- /'křuu/...
creditum	"crido"	... kře'ido/	- /kri'ido/...
ciuiles	"civis"	.../t̄s'i'vies/	- /t̄s'i'viis/...
molam	"mó"	.../'m0a/	- /'m00/...

b) Sendo a vogal mais aberta de dois graus, ambas sofrem diafonologização para a vogal intermediária. Exceção: vogal média, fechada, em hiato com (a) ou (o) da sílaba final.

sagittam	"seta"	.../sa'eta/	- /sE'Eta/...
maiorem	"mor"	.../ma'oř/	- /mO'Or/...

c) Uma vogal idêntica sofre defonologização.

colorem	"côr"	.../ko'oř/	- /'koř/.
creditum	"crido"	.../kři'ido/	- /'křido/...
credit	"crê"	.../'křee/	- /'kře/.
nudum	"nu"	.../'nuu/	- /'nu/.
sagittam	"seta"	.../sE'Eta/	- /'sEta/.
maiorem	"mor"	.../mO'Or/	- /'mOř/.
uidere	"ver"	.../ve'eř/	- /'ver/.
pedem	"pé"	.../'pEE/	- /'pE/.
malam	"má"	.../'maa/	- /'ma/.

d) Uma vogal mais aberta até dois graus, em hiato com uma vogal nasal de sílaba intensiva, sofre diafonologização para vogal oral do mesmo grau de abertura da nasal. Depois, vogal fraca do mesmo grau de abertura da nasal sofre defonologização. Neste caso conserva-se a vogal nasal, em caso contrário sofre diafonologização para a oral correspondente. A vogal nasal de sílaba fraca sofre sempre diafonologização para a vogal oral correspondente; quando, porém, a vogal intensiva vem seguida de outra vogal, ela sofre diafonologização para a vogal nasal correspondente, o que, sempre, também ocorre diante de apical oclusiva ou africada.

fines	"fins"	.../'fîes/	- /'fîis/	- /'fîs/.
unum	"um"	.../'úo/	- /'úu/	- /'ú/.
bonum	"bom"	.../'bõo/	- /'bõ/.	
tenes	"tens"	.../'těes/	- /'těs/.	
lanam	"lá"	.../'lãa/	- /'lã/.	
anellum	"elo"	.../a'Elo/	- /E'Elo/	- /'Elo/...
uenire	"vir"	.../vř'iř/	- /vi'iř/	- /'vir/.
bonam	"boa"	.../'bõa/	- /bõa/.	
lunam	"lua"	.../'lúa/	- /'lúa/.	
sinum	"seio"	.../'sěo/	- /'sěo/...	
uenam	"veia"	.../'věa/	- /'věa/...	

b) Entre a vogal (e) de sílaba intensiva, em hiato com a vogal (a) ou (o) de sílaba final, ocorreu a fonologização da semivogal anterior. "A modificação para ei não ocorreu até o início do século XVI." (Williams, 1961, 48.)

credo	"creio"	.../'c̄reio/	- /'k̄reyo/...
telam	"teia"	.../'tea/	- /'teya/.
foedum	"feio"	.../'feo/	- /'feyo/....
uenam	"veia"	.../'vea/	- /'veya/.
sinum	"seio"	.../'seo/	- /'seyo/...

Obs.: Nos demais casos, conservou-se o hiato e a vogal nasal de sílaba fraca sofre sempre diafonologização para a vogal oral correspondente.

salire	"sair"	.../sa'īr/.	
salutem	"saúde"	.../sa'uđe/...	
uenatum	"veado"	.../v̄e'ado/	- /ve'ado/...
genuclum	"joelho"	.../dž̄u'olo/	- /dž̄E'olo/...

O exemplo de /f̄E'estr̄a/ parece indicar que a vogal nasal, aberta, (E), em sílaba fraca, diante de (E) de sílaba intensiva, se manteve como alofone de /ɛ/.

### 5.3.3. A neutralização das vogais orais em sílaba fraca.

As vogais latinas, longas e breves, se distribuiam por todas as sílabas, quer tônicas quer átonas. A distribuição das vogais portuguêses é muito mais restrita, por ação do acento intensivo (3.2.3.). As vogais, em sílaba fraca, foram reduzidas a cinco, porque, neste ambiente, houve a diafonologização das médias abertas para médias fechadas; em sílaba subsequente à intensiva, reduziram-se as cinco vogais ainda a três, com a diafonologização das médias para as altas (Camara Jr., 1953, 75 e ss.).

Segundo Behr (apud Williams, 1961, 61) a diafonologização de (o) final ocorreu no século XII e foi responsável pela metafonia, antes que houvesse a diafonologização de (o) em sílaba final, seguido de (s) (Williams, 1961, 126).

As diafonologizações que acabam de ser descritas, devem ter-se desenrolado antes da síncope do (d) na segunda pessoa plural dos verbos, porque a vogal final da segunda conjugação (ou ~~mais~~ seguida de (s)), sofreu diafonologização para a semivogal (y): /mo'vede/ - /mo'vey/ "movei"; /mo'vedos/ - /mo'veys/. Podem ter sido posteriores à crase de duas vogais, ambas em sílaba fraca, como /tE'rívEes/ - /tE'rívEys/ - /te'ríveys/ "terríveis", quando seguem a sílaba intensiva; contudo foram, indubitavelmente, anteriores à crase de duas vogais em sílabas que precedem a intensiva, porque certas regiões têm, neste caso, sempre vogal aberta (Vasconcelos, 1959, 136-55): "càveira", "pàdeiro", "sàdio", "vàdio", "aquècer", "crèdor", "empècer", "esquècer", "gèraçao", "mèzinha", "mègar", "còrado", "dòrido", etc.

Obs. Na evolução de duas vogais em hiato, ambas em sílaba fraca, predomina a assimilação e a crase, exceção feita de vogal nasal mais vogal anterior, mais fechada.

#### Exemplos.

##### Ortogr. lat. Significado Português arcaico.

+sanatiuum	"sadic" ... /saa'diu/ - /sa'a'diu/ - /sa'diu/.
homines	"homens" ... /'omëes/ - /'omës/.
ordines	"ordens" ... /'Ordëes/ - /'Ordës/.
uanitatem	"vaidade" ... /væ'e'dadi/ - /vaydadi/.
coloratum	"corado" ... /koo'rad/ - /ko'radu/.
calescere	"aquecer" ... /akae'tsér/ - /akee'tsér/ - mais prefixo. /ake'tsér/...

Contudo, a vogal (e) cai freqüentemente.

+monisterium	"mosteiro" ... /moes'teyru/ - /mos'teyru/.
angelun	"anjo" ... /'andžeo/ - /'andžu/...
monimentum	"moimento", arc. /mɔimēnto/- /moy'mentu/.

#### 5.4. AS CONSOANTES NASAIS IMPLOSIVAS.

A consoante nasal, labial, implosiva (m<sub>+</sub>), proveniente da síncope de uma vogal (4.5.1.) sofreu diafonologização para a apical, nasal: (n<sub>+</sub>).

##### Exemplos.

###### Ortogr. lt. Significado Português arcaico.

semitam	"senda" ... /'semda/	- /'senda/....
comitem	"conde" ... /'kOmde/	- /'kOndi/...

A seguir, diante das consoantes nasais, implosivas, a vogal precedente sofreu diafonologização para a vogal nasal correspondente. Como as vogais nasais foram eliminadas quase totalmente, a não ser em sílaba intensiva, (5.3.2.), não existia, praticamente, homomorfia entre palavras com vogal nasal proveniente da síncope de (n) intervocálico e de palavra com vogal nasal proveniente de consoante nasal, implosiva. Não havia oposição também entre vogal mais labial, nasal e vogal mais apical, nasal. Nada impediu a diafonologização das vogais orais para as nasais e a defonologização das consoantes nasais, implosivas.

O alofone dorsal, (N), do fonema /g/, diante de /i/, (4.1.), sofreu diafonologização para (ň) e, a seguir, (í), neste ambiente, sofreu defonologização.

O comportamento de (N), diante de /k/ e /g/, idêntico ao de (n) diante de apicais: rancore - /'rākōr̩/, anguilam - /e'gia/; pontem - /'pōti/, manicam - /'māga/; e diante de /n/, idêntico ao de (r) em outros ambientes: ligna - /'leyna/; (4.3.2), flagrare - /tšay'RāR/, comprova que, no primeiro caso, é alofone de /n/ e, no segundo, de /g/ (2.1.), sem ser necessário estabelecer um fonema /N/, em latim, como o fazem outros autores, (por ex. Hill, 1958, 441).

A defonologização mais antiga das consoantes nasais, implosivas deve ser a das nasais. Existiram, então, palavras terminadas em /~/ e em /᷑/. Entre os verbos com tais terminações havia oposição entre a 3<sup>a</sup> pessoa do plural do perfeito e do mais-que-perfeito; a última forma não devia ser popular, mas a forma composta com o verbo ter ou haver; nada impediu nos verbos a diafonologização de (᷑) final para (ã). Havia outras palavras com estas terminações; contudo, mesmo nestas pa-

lavras, (ð) foi substituído por (ã), sem criar conflito homônimo. Estas evoluções são mais antigas do que a crase de vogal nasal mais vogal. As palavras terminadas em (ã) sofreram a fonologização da semi-vogal posterior, na distribuição de final de palavra, embora surgissem assim alguns homônimos, com maior gravidade porque de diferentes empregos sintáticos: /'sã/o/ - /'sãw/ "são", adj. de sanum + /'son/ - /'sõ/ - /'sa/- /'sãw/ "são", verbo de sunt; /'grã/o/ - /'grãw/ "grão", subst. de granum : /'grã/n/ - /'grã/ - /'grãw/ "grão", adj. de grandem. Comprova-se como evolução mais antiga, porque as palavras que sofreram a crase, não se confundiram em /ãw/: /'lãa/ - /'la/ "lá" de lanam; donum "dom" /'dõo/ - /'dõ/.

**Conclusão:** A seqüência de vogal nasal mais vogal exerceu pressão sobre vogal nasal, na última sílaba. Cedendo à pressão, a terminação (ð) passou a (ã) e esta a (ãw). As demais não tiveram maiores problemas.

**Demonstração:**

ine - ī	ene - ē	
ino - īo - īňo	eno - eo - eyo	
ina - īa - īňa	ena - ea - eya	
+ une - û	one - ð ... ã - ãw	ane - ã ... ãw
uno - ûu - û	ono - ðo - ð	ano - ão - ãw
una - ûa - ua	ona - oa	ana - ãa - ã

### Exemplos.

#### Ortogr. lt. Significado Português arcaico.

rumpere	"romper" ... /rom'peř/	- /rõ'peř/.
lumbum	"lombo" ... /'lombu/	- /'lõbu/.
cantat	"canta" ... /'kanta/	- /'kãta/.
grandem	"grande" ... /'grandi/	- /'grãdi/.
mancum	"manco" ... /'manku/	- /'mãku/.
linguam	"lenga" ... /'lenga/	- /'lẽga/.
longe	"longe" ... /'londži/	- /'lõdži/...
in	"em" ... /'en/	- /'ẽ/.
cum	"com" ... /'kom/	- /'kõ/.
ungulam	"unha" ... /'onla/ - /'oňla/ - /'oňha/...	
singulos	"senłos" arc. ... /'senłus/ - /'seňlus/ - /'seňus/...	
	"senhos"	

panem	"pão"	.../'pan/	- /'pã/ - /'pāw/.
canem	"cão"	.../'kan/	- /'kã/ - /'kāw/.
tenet	"tem"	.../'tEn/	- /'tẽ/.
latronem	"ladrão"	.../la'drōn/	- /la'drō/ - /la'drā/ - /la'drāw/.
non	"não"	.../'non/	- /'nõ/ - /'nã/ - /'nāw/.
dant	"dão"	.../'dan/	- /'dã/ - /'dāw/.

É possível que (ð) inicie a sua marcha para (āw) depois que (ā) alcançou (āw).

### 5.5. As africadas.

O fonema /dž/ tinha, entre vogais, o alofone (ž), realização mais econômica do que o fone africado (dž) que se manifestava em início de palavra e após consoante (4.4.2). A coerência do sistema manteve o fonema /dž/ até o século XIII (Huber, 1933, 113), quando ocorreu a transfonemização de /dž/ para /ž/, com os traços distintivos de posterior, fricativo, sonoro. Esta evolução preencheu a 3ª casa das consoantes fricativas, sonoras, mas destruiu o equilíbrio das consoantes africadas ao abrir uma brecha na 3ª casa (a posterior) das sonoras.

Os demais fonemas africados se opunham aos fricativos. Como o fones (z), final de palavra, sofreu diafonologização para (s), também o (dž) sofreu diafonologização para a surda correspondente (ts), que não ocorria em fim de palavra; também da diafonologização de (z) não parece ter surgido conflito homônimo.

Contudo, nos demais ambientes, os africados se mantiveram estáveis até o fim do século XVI (Vasconcelos, 1955, 164-5; Williams, 1961, 75), quando sofreram diafonemização para os fricativos correspondentes, apesar de surgirem homônimos como cozer e coser, buxo e bucho, sexto e cesto, cassar e caçar.

Favoreceu a evolução o fraco rendimento fonêmico de /š/, em posição intervocálica, proveniente do fonema /s/ na presença da vogal assilábica anterior. O fonema /ts/, neste ambiente também não era muito frequente e, em início de palavra, se opunham por causa de empréstimos árabes.

## Exemplos.

<u>Ortogr. lt.</u>	<u>Significado</u>	<u>Português arcaico.</u>
Hodie	"hoje"	... /'odži/ - /'oži/.
videam	"veja"	... /'vedža/ - /'veža/.
adiutare	"ajudar"	... /adžu'dař/ - /ažu'dař/.
iam	"já"	... /'dža/ - /'ža/.
iocum	"jôgo"	... /'džogu/ - /'žogu/.
gelare	"gear"	... /dže'ař/ - /že'ař/.
gentem	"gente"	... /'džěti/ - /'žeti/.
longe	"longe"	... /'lødži/ - /'løži/.
marginem	"margem"	... /'mardžě/ - /'maržě/.
pacem	"paz"	... /'padž/ - /'patš/...
lucem	"luz"	... /'ludž/ - /'lutš/...
facit	"faz"	... /'fadž/ - /'fatš/...
mensem	"mês"	... /'mez/ - /'mes/.
posui	"pus"	... /'puz/ - /'pus/.
posuit	"pôs"	... /'poz/ - /'pos/.

Port. arc.      Port. moderno.

rationem	"razão"	... /ra'džaw/ - /ra'zaw/.
dicere	"dizer"	... /di'džer/ - /di'zer/.
uaciuum	"vazio"	... /va'džiu/ - /va'ziu/.
fiduciam	"fiúza"	... /fi'uđza/ - /fi'uza/.
captiare	"caçar"	... /ka'tsar/ - /ka'sar/.
bracchium	"braço"	... /'bratšu/ - /'brasu/.
linteum	"lenço"	... /'lětšu/ - /'lěsu/.
caelum	"céu"	... /'tsEw/ - /'sEw/.
cito	"cedo"	... /'tſedu/ - /'sedu/.
falcem	"foice"	... /'foytſi/ - /'foysi/.
plicare	"chegar"	... /tš'e'gař/ - /še'gar/.
clamare	"chamar"	... /tš'a'mař/ - /ša'mař/.
flammam	"chama"	... /'tšama/ - /'šama/.
masculum	"macho"	... /'matšu/ - /'mašu/.
implere	"encher"	... /e'+'tšer/ - /e'šeř/.

## 6. Tendências atuais.

As evoluções do português arcaico (5.) construíram o sistema fonêmico do português moderno, que se conserva no Brasil na pronúncia coloquial, tensa, do Rio de Janeiro, examinada pelo prof. Mattoso Camara Jr. (Camara Jr., 1953). Entretanto é um sistema fonêmico de pessoas cultas e não de uma linguagem familiar, despreocupada; é, sobretudo, conservador, não refletindo as tendências da atualidade que não foram levantadas, mas cujos efeitos mais generalizados se podem apontar.

Vogais: Existe tendência para a eliminação da distribuição das vogais médias em qualquer sílaba átona. "O resultado é que, em conjunto, .... o quadro átono de 5 vogais silábicas funciona mal..." (Câmara Jr., 1953, 81).

Ditongos: Aparentemente a tendência mais generalizada continua sendo a defonologização da semivogal. O ditongo /ow/ não se realiza a não ser numa pronúncia afetada ou para efeito estilístico (Camara Jr., 1953, 137-9). Diante de consoante posterior também se anula, no presente, a oposição entre ditongo e vogal correspondente, simples; por isso se tornam possíveis rimas como beijo e desejo (Camara Jr., 1953, 139-41). E pronúncias como /pe'rera/ por /pe'reyra/ são bastante comuns.

Os hiatos: Quando a primeira vogal está em sílaba intensiva, os hiatos tendem ao alargamento, (iniciado em 5.3.2.): ('tuwwa) por /'tua/, ('bowwa) por /'boa/ (Camara Jr., 1953, 72). Tendem à oclusão total, quando ambas estão em sílaba fraca, ou quando a segunda estiver em sílaba intensiva. "Em sílaba átona, a diferença entre ditongo e hiato não tem em regra valor distintivo. A tendência é nitidamente no sentido do ditongo, salvo quando se trata de um vocábulo derivado de outro em que o /i/ ou o /u/ era silálico e tônico (traição, saimento, abaulado), mas precisamente o caráter não-fonêmico do encontro permite livremente diéreses e sinéreses de que nos falam a gramática praxista e os tratados de métrica." (Camara Jr., 1953, 74). Assim os vocábulos proparoxítonos, introduzidos por via literária, já podem ser, atualmente, paroxítonos, como sériu - /'sEriu/ ou /'sEryu/; história - /is't0ria/ ou /is't0rya/.

Exemplo de sinérese : ondeando = /ð' dyãdu/; leões = /'lyðys/ em vez de /ðe'ðu/ e /le'ðys/ nos versos 3 e 4 (decassílabos) do soneto "Banzo" de Raimundo Correia:

"Coleia, basilisco de ouro ondeando

O Níger. Bramem leões de fulva juba..."

As consoantes implosivas: (s) mostra, em grupos sociais populares, a tendência para o desaparecimento em ambiente final de locução. Ex.: os dente, dois tijolo, nós vamo, as planta são nova.

Como não há oposição entre /s/ e /ʃ/ em final de sílaba, algumas regiões possuem como implosivo apenas o segundo (ʃ). (r) desapareceu em posição final dos verbos, pelo menos na linguagem despreocupada de Curitiba: andar, comer, dividir = /ã'da/, /ko'me/, /divi'di/.

(l) mostra tendência para diafonologização para (w); por esta razão muitos alunos do curso primário, e até médio, não distinguem entre mal e mau - /'mal/ e /'maw/ e, por ultracorrecção, passam a escrever altomóvel por automóvel.

Em zonas rurais do Brasil ouve-se /'árma/, /'kárm̩a/, por alma e kalma, /'alma/ e /'kalma/.

A tendência para a eliminação dos fones implosivos se mostra também nas palavras de origem erudita, apenas que a reação se manifesta de outro modo: torna a consoante explosiva e introduz uma vogal. Exemplos: substantivo, adjetivo e absoluto = /adeže'tivu/, /subistã'tivu/, /abiso'lutu/.

## 7. Conclusões.

Feito o estudo dos diversos estados lingüísticos desde o latim até o português moderno, evidenciam-se as seguintes conclusões:

I. A ação do acento se fêz sentir sobre o sistema de vogais: pela defonemização da quantidade as vogais foram reduzidas de 10 a 7 em sílaba intensiva e sofreram neutralização em sílaba fraca (3.3. e 5.3.3.). Causou ainda a síncope e a apócope de muitas vogais (3.3.5. e 4.5.1. e 4.5.2.).

II. Uma série de 4 casas não se mantém; por diafonemização ou transfonemização, um dos fonemas é expulso da série ou se identifica com outro fonema da mesma série como ocorreu nas séries das vogais anteriores e das posteriores (3.3.3) e nas oclusivas (3.4.2. e 4.1.).

III. As semivogais tendem a ser eliminadas, quando a língua possui um grande número de vogais. A defonologização é, muitas vezes, precedida da diafonologização da vogal para outra mais fechada.

Latim lusitânico, com 9 vogais: /ay/ - /E/; /oy/ - /e/. Romanço, com 7 vogais: /ay/ - /ey/; eliminou apenas o ditongo /ow/ - /o/, ditongo que se manifestava em poucas formas verbais e pôde ser eliminado sem conflito homônimo. Português arcaico, com 12 vogais: /aw/ - /ow/; /Ew/ - /ew/; (oy) - (uy) - (u) e a defonologização diante de consoante, posterior, fricativa ou sfricada.

IV. As semiconsoantes tendem a ser eliminadas por consonantização, apártese ou síncope.

Latim lusitânico: (w) ocupou a casa vazia de /v/; (w) sofreu síncope; as seqüências /ny/ e /ly/ ocuparam casas vazias e as seqüências /ty/ e /ky/ incorporaram-se ao fonema /ts/; para semivogal passou a semiconsoante posterior nas terminações verbais -auit, -euit, -iuit, formando ditongos, sem conflito homônimo.

Romanço: (y) ocupou uma casa vazia /dž/ ou sofreu síncope ou passou a semivogal em posição intervocálica, em seqüências (Ry) e /zy/. A semiconsoante posterior passou a semivogal. Português arcaico: A semiconsoante anterior passa a semivogal nas seqüências (py), (by), (vy) e (sy).

V. Quando a língua possui grande número de vogais, elimina os hiatos por crase, oclusão ou epêntese.

**Latim lusitânico:** Eliminou ainda alguns dos hiatos que restaram no latim.

**Romanço**, com 7 vogais, manteve os hiatos produzidos pela síncope da oclusiva apical, sonora; diante dos novos hiatos, alguns antigos evoluíram por oclusão: formaram-se os ditongos /Ew/ e (ay), sem confusão de homônimos.

**Português arcaico**, com 12 vogais: eliminou grande número de vogais em hiato por assimilação e crase, também por oclusão formando novos ditongos como /aw/, /ãw/, /ãys/, /ɔys/, e ainda por epêntese de um fone semelhante à primeira vogal.

**VI.** Aos poucos foram eliminadas tôdas as consoantes implosivas, com exceção de (§), (L), (r), ou por assimilação aumentando o número das geminadas, ou por síncope, ou ainda por vocalização formando ditongos.

**VII.** O enfraquecimento das consoantes, em ambiente propício ao enfraquecimento, foi causado por pressão das geminadas sobre as surdas e destas sobre as sonoras, pois a evolução se realiza primeiro nas consoantes sonoras oclusivas, no latim lusitânico, enquanto as nasais, as laterais, e a vibrante, que não tinham surdas correspondentes, enfraqueceram apenas nos séculos X e XI, segundo o testemunho de Vasconcelos e Nunes (Vasconcelos, 1959, 266 e Nunes, 1951, 113). Tôdas as apicais fracas desapareceram, as posteriores se vocalizaram, a labial oclusiva passou a fricativa e só se manteve a labial nasal.

**VIII.** A história da língua portuguesa, desde a sua origem no latim vulgar, segundo critérios de fonêmica diacrônica, pode ser dividida nos seguintes estados lingüísticos ou épocas: I Séc. A.C.: latim vulgar, base comum de tôdas as línguas românicas (3.).

I séc. D.C. ao início do VIII século: latim lusitânico; limites: conquista da Lusitânia, a romanização do Império = início de fracionamento dialetal; transfonemização do acento.

Fim: Invasão árabe no VIII séc. = divisão do território em Norte e Sul e consequente diversificação lingüística, após o enfraquecimento das oclusivas sonoras, intervocalicas.

Séc. VIII - fins do séc. X: Romanço galego-português. Termina esta época quando se inicia o enfraquecimento da lateral e da nasal intervocálica, pois colocar este enfraquecimento no romanço seria tratar duas vezes, do enfraquecimento em épocas distintas no mesmo estado lingüístico.

Fins do X séc. - fim do séc. XVI: Português arcaico, que termina com a diafonologização das últimas consoantes africadas. Desde o séc. XVII - Português moderno.

#### IX. Cronologia relativados principais fenômenos encadeados.

1. Transfonemização do acento.
2. Síncope de vogais; diafonologização (E) - (y).  
Fonemização de /t/. Mudança do sistema de vogais, posterior a nº 1. Evolução dos ditongos /ay/ e /oy/, posterior a nº 1.
3. O fonema /t<sup>s</sup>/.
- 1 - 3. Enfraquecimento das sonoras, oclusivas e fricativas.
4. Sonorização das surdas, oclusivas, fricativas e africada.
5. Simplificação das geminadas, fricativas e oclusivas, post. a nº 4. Síncope e apócope das vogais anteriores.
6. Nasalização. Síncope da lateral apical, posterior ao nº 5 e anterior ao nº 8.
7. Síncope da nasal apical.
8. Oclusão. Simplificação das geminadas /ll/, /rr/, /nn/, posterior ao nº 7.
9. Finais /an/ e /on/ - /aw/.
10. Assimilação e crase.
11. Neutralização no sistema das vogais.
12. Crase de hiato que precede a sílaba intensiva.
13. Síncope da apical, oclusiva, sonora na 2ª pes. do plural.
14. Oclusão da vogal de sílaba fraca dos ditongos criados em 1.

Obs.: A evolução dos hiatos /'ai/ - /'ay/; /'Eo/ - /'Ew/ é anterior ao nº 6, a lateral.

A evolução do ditongo /aw/ - /ow/ é anterior ao nº 8.

A hipértese de (w̄) é posterior ao nº 4 e anterior à evolução do ditongo /aw/ - /ow/.

A assimilação de /pt/, /ps/ e /rs/ é anterior ao nº 4, geminadas, de /mn/ anterior ao nº 8, geminadas.

8. Bibliografia.

- Ali                   Manuel Said  
        1956          Acentuação e Versificação Latinas, "Organização Simões" Editôra, Rio de Janeiro.
- Azevedo           Fernando Corrêa de  
        1946          Apontamentos de aulas, 1º ano de Letras Clássicas, Latim, Curitiba.
- Back               Eurico  
        1964          Os Estudos Linguísticos, in "Humanitas", Anuário nº 6, ano 1962-3, da Fac. de Filosofia da Universidade Católica do Paraná.
- Bourciez           Edouard  
        1956          Eléments de Linguistique Romane, 4ª ed., Librairie C. Klincksieck, Paris.
- Bridgeman          Lorraine  
        1964          Curso intensivo de Lingüística. Apontamentos. Universidade de Brasília, jan. e fev. de 1964.
- Bloch              Bernard e George L. Trager  
        1942          Outline of Linguistic Analysis, Linguistic Society of America, Baltimore.
- Camara Jr.       Joaquim Mattoso  
        1953          Para o Estudo da Fonêmica Portuguesa, Edição da "Organização Simões", Rio de Janeiro.  
        1956          Dicionário de Fatos Gramaticais, MEC, Casa de Rui Barbosa, Rio.  
        1957          Fonética e Fonêmica, Curso de extensão universitária, Universidade do Paraná.  
        1959          Princípios de Lingüística Geral, 3ª ed., Livraria Acadêmica, Rio de Janeiro.
- Cintra             Geraldo  
        1962          Ensaios Sobre a Estrutura do Português do Brasil, in "Estudos" do Instituto de Idiomas Yázigi, nº 1 e 3, São Paulo.
- Coseriu           Eugenio  
        1952          Sistema, Norma y Habla, Facultad de Humanidades y Ciencias, Montevidéu.
- Coutinho           Ismael de Lima  
        1954          Pontos de Gramática Histórica, 3ª ed., Livraria Acadêmica, Rio de Janeiro.

- Davis                   Irvine  
                         1964    Curso Intensivo de Linguística, Apontamentos,  
                         Universidade de Brasília, Jan. e fev. de 1964.
- Dyen                   Isidore  
                         1963    Why phonetic change is regular, in "Language",  
                         Vol. 39, nº 4.
- Elia                   Sílvio Edmundo  
                         1962    Dicionário Gramatical, 3ª ed., Editôra Globo,  
                         S.A., Pôrto Alegre.
- Faria                   Ernesto  
                         1955    Fonética Histórica do Latim, Livraria Acadêmica,  
                         Rio de Janeiro.
- Gaffiot               Félix  
                         1934    Dictionnaire Illustré Latin-Français, Librairie  
                         Hachette, Paris.
- Grandgent             C.H.  
                         1952    Introducción al Latin Vulgar, 2ª ed. em reprodu-  
                         ção fotográfica, Madri.
- Guérios               Rosário Farani Mansur  
                         1946/8 Apontamentos de aulas, Língua Portuguesa, Fac.  
                         de Filosofia, Letras Clássicas, Curitiba.  
                         1956    O Romanço Moçárabico Lusitano, Separata de "Le-  
                         tras", nº 5 e 6, da Fac. de Filosofia da U.P.
- Hill                   Archibald A.  
                         1958    Introduction to Linguistic Structures, Harcourt,  
                         Brace & World, Inc., New York, Burlingame.  
                         1963    Phonetic and phonemic change, in "Readings in  
                         Linguistics" de Martin Joos, 3ª ed., American  
                         Council of Learned Societies, New York.
- Hoenigswald           Henry M.  
                         1963    Sound change and linguistic structure, in  
                         "Readings" de Martin Joos, 3ª ed., American Council  
                         of Learned Societies, New York.
- Huber                   Joseph  
                         1933    Altportugiesisches Elementarbuch, Carl Winters  
                         Universitätsbuchhandlung, Heidelberg.
- Jakobson              Roman  
                         1949    Principes de Phonologie Historique, in Principes  
                         de Phonologie par N.S. Trubetzkoy, Librairie C.  
                         Klincksieck, Paris.

Marouzeau	J.	
1943	Lexique de la Terminologie Linguistique, 2 <sup>a</sup> ed., Librairie Orientaliste Paul Geuthner, Paris.	86
Martinet	André	
1955	Économie des Changements phonétiques, Editions A Francke S.A., Berna.	
Maurer Jr.	Theodoro Henrique	shigan
1959	Gramática do Latim Vulgar, Livraria Acadêmica, Rio de Janeiro.	
1962	O Problema do Latim Vulgar, Livraria Acadêmica, Rio de Janeiro.	s. 64.
Meillet	Antoine	
1948	Esquisse d'une histoire de la langue latine, 5 <sup>a</sup> ed., Librairie Hachette, Paris.	adêmi-
Melo	Gladstone Chaves de	,
1957	Iniciação à Filologia Portuguesa, 2 <sup>a</sup> ed., Li- vraria Acadêmica, Rio de Janeiro.	
Meyer-Lübke	W.	sieck,
1890	Grammaire des Langues Romanes, Tome Premier, Paris.	
Nascentes	Antenor	os
1952	Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa, To- mo II, Rio de Janeiro.	
1955	Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa, I tomo, 2 <sup>a</sup> tiragem, Rio de Janeiro, 1 <sup>a</sup> ed.	il
Niedermann	Max	
1945	Précis de Phonétique Historique du Latin, Librai- rie C. Klincksieck, Paris.	
Nogueira	Rodrigo de Sá	
1938	Elementos para um Tratado de Fonética Portuguesa, Lisboa.	
Nougaret	Louis	
1948	Traité de Métrique Latine Classique, Librairie C. Klincksieck, Paris.	
Nunes	José Joaquim	
1951	Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa, 4 <sup>a</sup> ed., Livraria Clássica Editora A.M. Teixeira & Cia (Filhos), Lisboa.	

- Pidal R. Menéndez  
1930 Orígenes del Español, 3<sup>a</sup> ed., Madri.
- Pike Kenneth Lee  
1963 Phonemics, Ann Arbor, The University of Michigan Press.
- Rodrigues Aryon Dall'Igna  
1964 Curso Intensivo de Lingüística. Apontamentos. Universidade de Brasília, jan. e fev. de 1964.
- Silva Neto Serafim da  
1956 Fontes do Latim Vulgar, 3<sup>a</sup> ed., Livraria Acadêmica, Rio de Janeiro.  
1957 História do Latim Vulgar, Livraria Acadêmica, Rio de Janeiro.
- Trubetzkoy N.S.  
1949 Principes de Phonologie, Librairie C. Klincksieck, Paris.
- Vasconcelos J. Leite de  
1959 Lições de Filologia Portuguesa, 3<sup>a</sup> ed., Livros de Portugal, Rio de Janeiro.
- Williams, Edwin B.  
1961 Do Latim ao Português, MEC, Instituto Nacional do Livro, Rio de Janeiro.